O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Duarte Chaves

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 28 DE AGOSTO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 1$000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

N.º 1:375

Unicos, na historia!

Não ha partido republicano, nunca o houve, como esse que ahi está. Não é partido, é quadrilha. Não são cidadãos, são bandidos. Temo-lo dito incessantemente. Mas é necessario continuar a dize-lo e a prova-lo.

Recorrendo á historia, e começando pela Revolução Franceza, mãe da moderna civilisação e da moderna liberdade, logo ahi vêmos que não ha comparação possivel, nem entre as situações, nem entre os homens.

Os revolucionarios francezes *nunca quizeram* proclamar a Republica. E' um facto que ignora a maior parte, a enorme maioria da gente portugueza, mas nem por isso menos exacto.

Encontra-se a confirmação em qualquer dos bons livros historicos francezes, mas sobretudo na *Histoire Politique de la Révolution Française*, escripta por um homem por todos os titulos insuspeito para os *revolucionarios portuguezes*, Aulard, livre pensador, republicano-socialista, professor de historia na Universidade de Paris Ahi o diz elle, em longas paginas. Ahi o prova elle, profunda e substanciosamente, com factos até agora desconhecidos e documentos ha pouco arrancados ao esquecimento dos archivos.

Nem Montesquieu, nem Voltaire, d'Argenson, Diderot, Holbach, Helvetius, Jean Jacques Rousseau, nem Mably, Turgot, Raynal, Condorcet, nem Lafayette, nem Mirabeau, visavam a substituição da monarchia pela republica. *Même les hommes qui fonderent et organiserent la république en 1792, Robespierre, Saint Just, Vergniaud, Danton, Brissott, Collot d'Herbois, les plus célèbres des futurs conventionels, étaient alors monarchistes.*

Monarchicos, propriamente, não. Aulard di-los monarchicos n'este sentido: queriam manter a monarchia. Mas elle proprio demonstra no seu livro que todas as affirmações d'esses homens eram rasgadamente republicanas e que o elemento culto da França estava *republicanisado*. Patriotas, porém, grandes patriotas, acima de tudo patriotas, como esses revolucionarios, esses pujantes revolucionarios, ininterruptamente o demonstraram, viam que a proclamação da republica seria um perigo no estado geral da França e da Europa, e adiavam-na.

Todos elles!

Camillo Desmoulins, que foi, sempre, esse, retintamente republicano, compunha uma ode em que comparava Luiz XVI a Trajano, *c'est-à-dire qu'en 1789*—palavras do historiador Aulard— *il ajournait son rêve républicain.*

O que esses homens transigiram com Luiz XVI! Os esforços que empregaram para o conservar no throno, procurando harmonisar a velha monarchia com a nova liberdade!

Luiz XVI tinha bom fundo. Não era o que se chama *um mau homem*. Mas, pouco intelligente, tinha horror ás formulas democraticas e, fraco de vontade, não sabia resistir ás intrigas e pressões palacianas, praticando actos revoltantes de hypocrisia e doblez de caracter.

Pois tudo isso os liberaes, os democratas, os republicanos, os revolucionarios, triumphantes, lhe perdoaram. Até a fuga de Varennes! Luiz XVI, para illudir a vigilancia de que o cercavam, vigilancia provocada e justificada pelos seus actos contradictorios, usou d'uma espantosa hypocrisia nos dois mezes que precederam a sua fuga para Varennes. Pois até isto lhe perdoaram! Houve, naturalmente, uma formidavel explosão d'indignações em toda a França. Não obstante, a plebe revolucionaria, a plebe agitada, erguia e affixava um *placard* no faubourg Saint-Antoine, no dia em que o rei entrava em Paris prisioneiro, no qual se lia, em grandes lettras: *Quiconque applaudira le roi sera batonné; quiconque l'insultera sera pendu.* Ou, em palavras portuguezas: *quem applaudir o rei será chibatado; mas quem o insultar será enforcado.*

Nem mesmo então o celebre *Club dos Jacobinos*—e basta isto para se vêr que não ha a menor comparação entre esse club, ao qual se fez uma tão triste reputação, e o club Antonio José d'Almeida, ou outro qualquer da nossa amaçacada mas infame jacobinagem—nem mesmo então o celebre *Club dos Jacobinos* quiz discutir a fórma republicana. *Et en effet, les Jacobins persistaient plus que jamais dans leur aversion pour la forme républicaine. Le 1er juillet, Billaud-Varenne, alors peu connu, fut hué par eux pour avoir parlé de république.*

Segundo Aulard, quem definiu *à merveille* a politica jacobina foi Robespierre, n'estas palavras, proferidas a 13 de julho de 1791, e que os jacobinos cobriram d'applausos:

On m'a accusé, au sein de l'Assemblée (nationale) d'être républicain; on m'a fait trop d'honneur, je ne le suis pas. Si on m'eût accusé d'être monarchiste, on m'eût déshonoré: je ne le suis pas non plus. J'observerai d'abord que, pour beaucoup d'individus, les mots de république et de monarchie sont entièrement vides de sens. Le mot république ne signifie aucune forme particulière de gouvernement: il appartient à tout gouvernement d'hommes libres qui ont une patrie. Or, on peut être libre avec un monarque comme avec un sénat. Qu'est ce que la constitution française actuelle? C'est une république avec un monarque. Elle n'est donc point monarchie ni république: elle est l'un et l'autre.

Era uma politica *opportunista*. Profunda e essencialmente *opportunista*.

O rei regressou a Paris, de Varennes, prisioneiro. E prisioneiro o mantiveram até 1 de setembro, resolvendo-se, então, perguntar-lhe se, definitivamente, acceitava ou não acceitava a Constituição. O rei respondeu que sim, e foi um delirio d'enthusiasmo. Quando elle, em 14 de setembro, entrou na sala das sessões da Assembléa Nacional, todas as boccas soltaram, tres vezes, o mesmo grito: *Vive le roi!* Depois a Assembléa acompanhou-o, em peso, ás Tulherias, no meio de gritos d'alegria *(au bruit des cris d'allégresse)* de toda a população.

Foram decretadas festas publicas para toda a França. As de Paris realisaram-se em 18 de setembro. O rei sahiu, com toda a familia real, a presencea-las. Foi recebido com bravos enthusiastas.

Dois dias depois, 20 de setembro, foi á Opera. Atravessou as ruas de Paris por entre enormes ovações. Gritava-se: *Vive le roi! Chapeau bas!*

Os intellectuaes da França, os dirigentes, não eram monarchicos. Accusa-los de monarchicos, como dizia Robespierre, *era deshonra-los!* Mas elles sabiam que a França não estava ainda preparada para a Republica. Mas elles temiam a Europa. Acima de tudo *a unidade e a integridade* nacional. A França *una e indivizivel*. E procuravam todos os meios de levar a monarchia a bom caminho. Só desthronaram e guilhotinaram Luiz XVI quando encontraram as provas absolutas da sua *traição á patria*. Quando lhe descobriram a correspondencia em que elle chamava em seu auxilio o extrangeiro. Quando viram que era *inteiramente impossivel* harmonisa-lo com a constituição e pôr cobro á perfidia e á doblez do seu caracter.

Esses nunca negaram ao rei, como fizeram os republicanos portuguezes a D. Carlos, os meios de se emendar ou de se rehabilitar.

Esses não queriam que o rei, para servir os seus interesses de facção, fosse um pulha, um corrupto, um cynico ou um tyranno.

Esses não tinham como systema levantar difficuldades, accumular elementos de desordem, tornar impossivel, para obter o triumpho da republica, todo e qualquer governo regular.

Note-se: não estamos a comparar. Bradaria aos céos, como o maior dos sacrilegios, comparar os grandes homens da revolução franceza, apesar dos seus erros e dos seus crimes, com a nossa infame matulagem. Não estamos a comparar. Estamos, simplesmente, a tornar frisante, bem frisante, que egual a esta borra infecta, a este nauseante esterquilinio, que em Portugal ousa chamar-se partido republicano e democrata, nunca houve nada egual, nem parecido, na historia.

Hoje confrontamos com 1791 e 1792. N'outro dia virá a confrontação com 1830, com 1848, com 1870, com os partidos revolucionarios da Hespanha e do nosso proprio Portugal. Nunca, nem aqui, nem fóra, houve nada que se parecesse com esta quadrilha ignobil.

A França era uma nação poderosissima. Podia confiar nas suas energias, como veio a demonstra-lo. Energias de tal forma espantosas que conseguiu fazer face, sósinha, á Europa colligada, e derrota-la. No emtanto, os revolucionarios de 1789, de 1790, de 1791, *não queriam jogar essa cartada*. Temiam-lhe as consequencias. Acautelavam-se. Portugal não pode com uma *gata pelo rabo*, assoberbam-no temerosas difficuldades, cercam-no perigos por todos os lados, e, todavia, os que aqui se dizem democratas e patriotas, a toda a hora aconselham a aventura, a roleta, o jogo do azar. *Abyssus abyssum invocat.*

E', precisamente, a differença que existe entre os republicanos de 1789-1793 e os republicanos portuguezes da actualidade. Aquelles eram cidadãos, estes são ciganos. Aquelles eram homens d'ideal, estes são homens de negocio, e dos mais sujos negocios. Aquelles distinguiam-se pela mais pura sinceridade e a mais absoluta honestidade, estes são os maiores de todos os bandalhos.

Nunca houve, repetimos, nada parecido na historia. Nunca!

E continuaremos a demonstra-lo.

Deu em... tio!

Quando ante-hontem, por acaso, vi, n'um jornal, uma festa da Associação do Registo Civil, *dei com os olhos n'uma figura e n'um nome de mulher que me trouxe á memoria* coisas velhas. *E perguntei a um amigo, que estava ao lado:*

—Esta dama, agora convertida em ama secca e educadora virtuosa não é aquella...?!

—E' essa mesma!

—E são os conventos que pagam as favas, não é assim?

—Assim parece.

—E este Bombardino...?

—E' o chefe do... Home.

—O que equivale a dizer... tio, *em portuguez, não é verdade?*

—Tal e qual!

Ainda hei de ver o malandrão, em nome da virtude, com uma guarda de bailadeiras no Paço das Necessidades, sob o commando da Margarida das Flores... regenerada.

Que grande malandrão!

A' urna!

Não temos mil votos! Se os tivessemos, lá os iamos levar todos contra a peor das quadrilhas, que é a quadrilha republicana, e contra aquellas que lhe dão força e audacia.

Ainda que tivessemos de andar cem leguas! Ainda que tivessemos de percorrer montes e valles!

N'isso é que nós sentimos bem a differença enorme que nos separa da maioria, a grande maioria dos homens d'esta terra.

Não comprehendemos esta molleza, esta indifferença, esta passividade. Não é só não a comprehender. E' que chegamos a irritar-nos contra ella!

Como é que um homem reconhece que o mal d'este paiz vem das miseraveis quadrilhas que o dominam e não é capaz d'empregar o mais infimo esforço para as vencer ou castigar?

Como é que um homem despreza a força de um voto, só por não se incommodar a ir á egreja deposita-lo?

Que miseravel coisa! Vá, com Deus ou com diabo, se fosse um grande incommodo. Com Deus ou com o diabo! Mas só por não dar meia duzia de passadas!...

Já é egoismo! Já é torpeza! E tambem estupidez. E', talvez, antes de tudo, estupidez. Para mim, não ha egoismo nem torpeza que o explique. Só uma grande estupidez!

Taes são uns como são outros, diz-se. Mais voto, menos voto não vale nada. Ao menos sejam francos! Digam que são mandriões, egoistas, estupidos, o que quizerem! Mas deixem-se de pretextos!

Taes são uns, como são outros? Pois sejamos contra todos. Não nos façamos instrumento d'este contra aquelle. Façamos este nosso instrumento contra aquelle, em serviço da justiça e da verdade.

Assim faço eu. Eu nunca me subordinei a ninguem. Eu não sou nacionalista, estou farto de o dizer, nem franquista, nem progressista, nem regenerador. Quando utiliso os progressistas, não é para servir os regeneradores. Como não utiliso os regeneradores para servir os progressistas. Utiliso-os uns contra os outros para servir a minha causa. Só a minha causa!

O meu objectivo, e deve ser o objectivo de toda a gente que ama os bons principios e a patria, é destruir os quadrilheiros. Em Portugal não ha monarchicos nem republicanos. Ha homens de bem e quadrilheiros. Os quadrilheiros, que se juntem todos a um lado. Os homens de bem, ao outro. Cada vez se torna mais preciso pôr de parte as etiquetas. Acabar com as imposturas. A quadrilha republicana é peor que as quadrilhas monarchicas? Mais perigosa? Contra ella se devem voltar todos os ataques, ou os que atacam sejam republicanos ou sejam monarchicos. Quando nós dizemos que em Portugal não ha republicanos nem monarchicos, não queremos dizer que não haja homens com convicções republicanas ou monarchicas. Queremos dizer, simplesmente, que acima da forma está a essencia. Acima do rotulo, a verdade.

Todo o homem deve ser digno e verdadeiro antes de ser republicauo ou monarchico. Primeiro a seriedade. Depois o resto. O ser monarchico ou republicano não importa defender uma quadrilha pelo simples facto d'ella se dizer monarchica ou republicana.

O monarchico tem na sua frente uma quadrilha monarchica? O republicano tem na sua frente uma quadrilha republicana? Monarchico e republicano dão-se as mãos para defender aquillo que é commum aos dois: a verdade, a justiça, contra a quadrilha republicana e monarchica.

E' a unica forma de não se tornarem um joguete, um ludibrio, dos quadrilheiros infames.

Fóra as formulas. E viva a verdade. Quebremos esse liame do preconceito estupido, da convenção asnatica. Eu tenho alguma obrigação de defender bandidos pelo simples facto de, sendo eu sinceramente republicano, elles se dizerem tambem republicanos? Elles só se dizem republicanos para explorarem a minha boa fé, para abusarem da minha sinceridade. E eu, percebendo-o e consentindo-o, só provo que não passo de um asno chapado.

Eu sou livre pensador e aquelle é padre? Mas eu sou livre pensador e elle é padre sinceramente? Qual é o meu dever? Qual é a minha conveniencia? Qual é o interesse da justiça e da verdade? E' atacar o padre em favor do livre pensador devasso ou hypocrita? Do explorador das minhas crenças? Do burlão da minha boa fé? Não. E' dar a mão ao padre sincero, ao padre honrado, para combater o livre pensador desavergonhado. Esse é o meu dever em relação ao padre. E é o dever do padre em relação a mim.

Só ha uma maneira da sinceridade ser acatada. E' faze-la repousar em alicerces de seriedade. Venha o padre, venha o monarchico, venha o jesuita para combater, commigo republicano, a hypocrisia e a licenciosidade. Que só depois de nós termos destruido, nós todos, a hypocrisia, o vicio, a especulação e a infamia, poderemos ser, eu efficazmente, e dignamente, livre pensador e republicano, e elles efficazmente e dignamente monarchicos, crentes, padres seculares ou padres jesuitas.

No campo da sinceridade e da seriedade nascem e medram todas as opiniões e todas as crenças sem se abafarem umas ás outras. No campo da hypocrisia, da mentira, da especulação, do vicio, ficam todas definhadas.

Abaixo os ladrões! Abaixo os hypocritas! Este é que deve ser o grito nacional.

Posso solta-lo eu, bem alto, que, por mais lama que me arremessem, nunca conseguirão provar que jámais puz o meu pensamento em almoeda, ou esta penna ao serviço de ninguem. Jámais conseguirão provar que roubei cinco réis ao Estado. Jámais conseguirão provar que servi companhias ou syndicatos. Ou que recebi a influencia de quem quer que fosse. Jámais! Essa é a minha consolação. E a minha força. E que prazer eu tenho em dize-lo!

Jámais! Jámais! Ahi, não tenho maculas. Tenho mas é o orgulho da minha independencia. A força da minha honestidade.

E porque tenho essa força, e porque tenho esse orgulho, eu grito, e o meu grito sôa como um trovão:

Abaixo os ladrões! Abaixo os hypocritas!

E porque tenho essa força, e porque tenho esse orgulho, eu grito, e esse grito é mais forte contra elles que todos os exercitos monarchicos:

«E os maiores ladrões, e os maiores hypocritas, e os maiores infames são, precisamente, aquelles que se dizem os representantes da justiça e da verdade!»

Hypocritas, ladrões, miseraveis!

No dia em que triumphar a infamissima quadrilha, que poz sobre si, para enganar as almas candidas, a etiqueta republicana, triumpha a injustiça das injustiças, a mentira das mentiras, a infamia das infamias n'esta terra!

Abaixo, ladrões! Abaixo, hypocritas! Fóra, cynicos! Vendilhões impudicos, traficantes descarados!

Ladrões, traficantes, cynicos, hypocritas, que ousaes dizer-vos missionarios da idéa, evangelistas da justiça, apostolos da verdade!

Depravados!

Esse é o grande inimigo d'esta patria! Maldito seja elle, e todos aquelles que o acompanhem e auxiliem na sua obra assassina!

Assassinos da liberdade, dizendo-se liberaes! Assassinos da patria, dizendo-se patriotas! Envenenadores! Malvados!

Contra elle são justas todas as coleras, santas todas as armas!

Abaixo a quadrilha republicana! Abaixo a quadrilha dissidente! Abaixo a quadrilha governamental!

A quadrilha republicana triumphará, e sem duvida triumpha desde já na nova Sodoma, que, por desgraça, é a capital d'estes estados. E eu só tenho pena de não possuir o fogo do Céo, não para reduzir a cinzas a cidade hedionda e blasphema, mas para abrazear os zangãos que a deixam, á quadrilha, triumphar.

Os eleitores miseraveis, os indignos cidadãos que, por medo d'apanhar sol ou cançar as pernas effeminadas, ficam em casa. Os miseraveis zangãos da colmeia nacional.

Mas... ainda ha almas viris n'esta patria desgraçada. E a essas, só a essas, digo:

A' urna, á urna, contra os maiores bandidos da nossa patria!

A SANTA LIBARDADE!

Os padres estão processados e *fulminados* por ousarem prégar do pulpito contra o governo. Mas o Marinha de Campos vae receber a commenda da Torre Espada por andar a prégar a revolução contra a monarchia e o chefe do Estado!

Por signal que lhe deve ficar a matar, não em cima da farda d'official pintado, mas em cima... das fraldas da creada.

Que bom cacete! Que bom cacete!

E não querem que um homem seja *reaccionario!* Eu confesso que estou cada vez mais *reaccionario*. N'este sentido cada vez sou mais apologista d'um chicote para insufflar dignidade no sangue d'estes bandalhos!

O que vale é que não sou tão *reaccionario*, ainda assim, que não seja mais reaccionario do que eu o Briand, o Asquith, e todos os mais liberaes e cultos homens dos mais cultos e avançados paizes da Europa. Com todas as suas cantatas de liberdade, elles ainda teem por lá a forca, a guilhotina, a grilheta, e muitos outros castigos corporaes. E se lá apanhassem esta canalha arruaceira de Portugal, tratavam-na... como tratam os pretos e as raças inferiores em toda a parte.

E é assim mesmo. Assim é que se quer. Assim é que eu sou, tambem, reaccionario.

Fartei-me de prégar a *paz e a doçura*. E o que vi? Só viboras, serpentes e tigres a morderem e dilacerarem. Pois então... cá estamos. Ai do homem que responde de luva branca e badine ás facadas dos miseraveis. Se não é pulha, é parvo. Mas, geralmente, é pulha e parvo.

Cacete e mais cacete! Maçagem e sangria, como muito bem dizia o sr. Eduardo de Abreu!

Ha burros que vão sem castigos e ha burros que só vão a chicote e esporada. Os homens hão de ser eternamente como os burros! Alguns tambem não vão, nunca irão, senão... a chicote e esporada.

Pelo dedo...

Se conhece o gigante.

Mandam-nos um jornal que publica uma entrevista com o sr. Candido dos Reis. E essa entrevista formula-se n'esta synthese: *Tendo a dictadura de João Franco dado como resultado o regicidio, um governo de força terá como consequencia inevitavel a revolução.*

Ora como a dictadura de João Franco só deu, manifestamente, o regicidio, por *fraqueza da mesma dictadura*, a verdadeira synthese a formular sobre a do sr. Candido dos Reis, é esta:

Um governo de força bem dirigido terá como resultado inevitável... uma canga bem merecida no cachaço dos **choças** *democratas.*

Olé! Olé!

E a prova é que não obstante a tal *consequencia inevitavel*, os **choças** fizeram todos os esforços para derribar o governo progressista... *que não prestava para nada.*

Apesar de não prestar para nada, só por não estar ás ordens d'elles... *incommodava-os!*

Porque não deixaram estar o ministerio progressista?

Se é tão facil provocar a revolução, porque não ajudam os *reaccionarios* contra o governo, em vez de se unirem ferozmente ao governo contra elles?

Sucia d'asnos!

EXPEDIENTE

A todos os nossos agentes cujas liquidações se fazem mensalmente lembramos, de novo, que até ao dia cinco de cada mez se encerram as suas contas na administração d'este periodico. Quando a liquidação não esteja feita até esse dia suspenderemos a remessa no domingo immediato. Não por espirito de desconfiança, que não temos razão de queixa, mas pela necessidade de regularisar a nossa escripturação.

A grande choldra!

São chamados aos quarteis, á ultima hora, e mandados recolher a bordo dos navios de guerra, *todos os officiaes*. São mandados retirar das ruas de Lisboa *todos os policias*. **Todos os postos da Guarda Municipal** são abandonados. O serviço da Guarda Fiscal *cessa, na linha de circumvalação*. E tudo isto, que é gravissimo, que, por isso mesmo que é gravissimo, seria, em qualquer parte do mundo, um facto *d'enorme sensação*, em Portugal *é levado a rir* e commentado *com quatro trêtas* por todas as gazetas da nação.

Que grande choldra!

Ficou a capital sem policia, durante uma noite inteira? A' mercê absoluta dos ladrões, dos ratoneiros, dos assassinos, dos contrabandistas, dos criminosos de toda a raça? Pois foi caso de menor importancia que uma facada na Mouraria!

Que sensação, se um rufio esfaqueasse uma meretriz em qualquer dos bairros immundos de Lisboa! Seriam columnas e columnas de prosa *em todas as gazetas*. Com minudencias porcas. Com detalhes vergonhosos. Com palavras d'exaltação e piedade. Tudo bebido pelo publico com ancia e... com lagrimas! Mas dá-se mais um golpe profundo para esta intranquillidade, que é a morte da nação? Fortifica-se a terrivel desconfiança, ou antes, a absoluta falta de confiança, que tem o nacional e o extrangeiro na tranquillidade publica, na ordem, no dia de ámanhã, o que representa a terrivel paralysação da industria, do commercio, do trabalho nacional, seja qual fôr o aspecto sob que este se considere? Foi uma manobra eleitoral do governo! Foi um manejo dos republicanos! Foi uma intentona dos clericaes! E tudo isto se diz em menos palavras e se refere com mais indifferença que a festa do cirio da Atalaya.

Pois isto não é um paiz perdido? Incontestavelmente.

Um homem ou um povo, que não tem consciencia nenhuma dos perigos que atravessa, dos seus interesses e das suas necessidades, das circumstancias em que vive, emfim, de realidade, é sempre um homem ou um povo condemnado.

Ou se tratasse d'uma *intentona reaccionaria*, ou d'uma nova tentativa *demagogico-revolucionaria*, era sempre um caso muito grave. E se fosse uma manobra eleitoral do governo, isso então excedia os limites da gravidade. Era um verdadeiro crime de lesa-patria. Em qualquer caso, um publico intelligente commovia-se, agitava-se e averiguava. Em qualquer caso, a responsabilidade do governo era tremenda. Não foi, da sua parte, uma manobra eleitoral? Então, que imprudencia, que insensatez era a sua, que levava ao mundo a confirmação da propaganda revolucionaria? Pois o que anda o embaixador Magalhães Lima a dizer por esse mundo fóra? O que anda elle, insistentemente, a apregoar? Que a monarchia *não tem força nenhuma em Portugal*. Que a existencia da monarchia *está por um fio*. Que só com o advento da Republica póde resurgir a ordem e a tranquillidade publica n'esta terra. E o governo, levando o medo até ao ponto de fazer retirar das ruas toda a policia civil, da estrada de circumvalação os guardas fiscaes, dos postos de guarda a Municipal, e dando ordens *immediatas* para que, *seguidamente*, sahissem do Tejo tres navios de guerra, não fazia mais que confirma-lo.

Que insensatez! Que absurdo! E como esse valentão d'Alijó n'isso deu provas, só n'isso, da sua formidavel incapacidade!

De resto, se o governo, realmente, teve informações d'uma intentona, se não foi, da sua parte, como julgamos, uma manobra eleitoral, tratava-se, sem duvida, de uma nova tentativa demagogico-revolucionaria.

Apesar do governo ser capaz de todas as infamias, não acreditamos que tivesse dado, adrede, aquelle *rebate falso*. E pelo mais simples dos motivos: porque seria uma estupidez fundamental. Se o governo forjasse uma pavorosa, então levava-a por deante. Só lhe poderia ser util para provocar um adiamento d'eleições, caso lhe fosse ingrato — e se o é ou não é ignoramos — o terreno eleitoral. Fazer aquillo tudo, dar provas de tamanha fraqueza, offerecer ao mundo um espectaculo d'imbecilidade, só para lançar sobre os reaccionarios a accusação de tramarem *intentonas* militares, seria... imbecilidade demasiada. Não temos a menor confiança na decantada capacidade do homem d'Alijó. Mas uma coisa é não ter capacidade politica, outra coisa é ser *parvo*.

Evidentemente, não se tratou de pavorosa. E, evidentemente, não se tratou de *intentona reaccionaria*. D'aquillo que os arruaceiros, *desprezadoramente*, chamam a *intentona reaccionaria*.

Os elementos conservadores, principalmente o franquista, teem, ninguem o ignora, grande força no exercito. Por mais que os especuladores gritem que a *grande maioria* do exercito está prompta a esmagar *um movimento reaccionario*, aquella é a verdade. Não é a nós que elles nos enganam com a cantata. A nós, que passámos trinta annos seguidos nos quarteis.

No exercito ha, inutil seria negal-o, elementos revolucionarios. Mas poucos em quantidade e maus em qualidade. Geralmente creaturas sem valor moral e de mediocre valor intellectual. Uns patetoides. Uns exaltados. A grande maioria do exercito é composta de indifferentes, *sempre promptos a obedecer a quem manda*, e de decididos partidarios da ordem.

Mas que interesse tinham os elementos conservadores em fazer agora rebentar um movimento militar? Nenhum.

O interesse é o melhor ou unico criterio para nos guiar na apreciação d'estes factos.

Tinha o governo interesse em adiar as eleições? Se não tinha, de nada lhe servia a pavorosa. Tinha-o o bloco? Nenhum. Adiar as eleições só serviria a causa do governo, com mais tempo para corromper, perseguir, incommodar, fazer perder enthusiasmos e energias, emfim, dissolver, desmoralisar. Seria rematada loucura, da parte do bloco, provocar um adiamento de eleições. E seria rematada loucura antecipar ás eleições o movimento revolucionario.

Quem tinha, então, interesse em precipitar os acontecimentos? Os republicanos. Esses, sim. O que valem, para esses, as eleições, em face d'um movimento revolucionario com probabilidades de bom exito?

Esses, sim. Esses, sim, mascarando os seus manejos precisamente com a azafama eleitoral.

Dizia um bacorinho do *Seculo* que se os republicanos quizessem fazer a revolução não andariam tão azafamados no movimento eleitoral. O bacorinho, a julgar que illude alguem! Pelo contrario, seria a unica vez que os republicanos dariam prova de habilidade. E de tal habilidade que, por isso mesmo, nos inclinamos a crer que fosse *rebate falso*.

Esse plano não é para elles. Ou, então, é preciso prestar-lhes homenagem, estão adeantados! Concentrar todo o esforço apparente no movimento eleitoral, desviar para ahi as attenções, para apanhar o inimigo desprevenido, e ataca-lo inesperadamente e vivamente de flanco, seria plano de tactico consummado. Estão os republicanos n'essa altura? Negamos. Conhecemo-los muito bem. Negamos. Ou, então, repetimos, fizeram progressos *que são muito para pensar*.

Se não estão n'essa altura, como suppomos, se continuam a ser os eternos bacorinhos que nós estamos farto de conhecer, e que a sua propaganda d'imprensa e de tribuna confirma dia a dia, então o governo foi illudido. Então foi rebate falso. Mas para a hypothese contraria, que é possivel, todas as considerações são de natureza a deixar o governo esmagado.

De facto, de que lhe serviu, n'esse caso, a sua politica de fraqueza, de humilhação, de vergonhosa abdicação?

Que ponha ahi os olhos a rainha e o rei. A rainha, que tão estupidamente aconselhou a solução que está de pé, e o rei, que tão imbecilmente a acceitou.

De que lhe serviu consagrar a desordem, rei de Portugal? De que lhe serviu curvar com ignominia a cabeça deante dos arruaceiros, rainha D. Amelia?

Houve ou não houve tentativa revolucionaria, e séria tentativa revolucionaria, como demonstram as providencias adoptadas? Se não houve, como está ahi de pé, ainda, esse governo, que tão levianamente foi levar á Europa a confirmação do que se diz sobre a falta de confiança que reina em Portugal? Se houve, como está ahi de pé, ainda, esse governo, que, para captar a benovolencia dos republicanos, deante d'elles vem rastejando, sem vergonha do mundo e sem vergonha propria?

De que serviu a rainha engolir affrontas, o rei passar sob as forcas caudinas, o presidente do conselho e todo o ministerio calcar aos pés o principio d'auctoridade?

Que resultados deu essa choldra, essa ignobil choldra, em que vem chafurdando, cobrindo-se de lodo, o poder em Portugal?

Que alguma coisa houve, houve. Os republicanos não teem recursos nem talento para um sério plano revolucionario. Não podia, pois, ser um movimento decisivo aquelle que ao governo foi denunciado. Mas alguma coisa houve. Mas alguma coisa elles tramaram. E isso basta para deixar de pé a absoluta incapacidade da rainha, a absoluta incapacidade do rei, e a absoluta incapacidade, senão a criminosa cumplicidade, do presidente do conselho.

E' o que nós, um milhão de vezes, temos dicto n'este jornal. Concessões, fazem-se a um partido de principios. A um partido leal, sincero, que lealmente e sinceramente procura servir os principios da democracia e da patria. Mas não se fazem a especuladores, a hypocritas, a quadrilhas que só visam o interesse pessoal. Fazer concessões a arruaceiros, não é acalmar nem adiar a desordem. E' excita-la, é precipita-la, pela vantagem que ellas lhe levam e pela audacia que lhe dão. E' duplicar a sua força, pela convicção que adquire da fraqueza do adversario. E' deixar medrar a vibora, para que, com mais fortaleza e segurança, dê a mortal ferroada.

Continuar a politica em que se vinha era tirar força e prestigio aos republicanos. Substitui-la pela politica actual, foi encoraja-los para o ataque final.

Tratar os republicanos como um partido de principios e de homens bem intencionados, não é já, sómente uma imbecilidade. E', tambem, um crime de lesa patria.

Ah, como é triste alongarmos a vista a todo o horisonte e não descobrirmos senão mediocridades!

TROPA FANDANGA

... Sr. Director do jornal «O Povo de Aveiro»

Por mais de uma vez vi no seu muito lido jornal referencias á maneira como é exercido o commando da brigada de Bragança, sendo da ultima vez frizado que o seu commandante interino estava ausente da séde do commando.

Isto é verdadeiro; porem, de vez em quando, vem cá, mas, mau grado seu, para dar fiasco.

Refiro-me ao seu censuravel procedimento de persistir em mandar tocar a banda regimental de infantaria 10 no pateo do hotel em que se hospeda. Segundo me informam officiaes com quem privo e que com magua notam esta bandalheira da parte de quem por dever de officio deveria evitar e reprimir semelhantes casos, que só servem para rebaixar a instituição armada, quando por ventura fossem praticados por subordinados seus, as bandas militares, em publico, só podem tocar em coretos, e quando tenham de tocar sem ser em coretos devem conservar-se em formatura não consentindo que individuos da classe civil segurem os papeis da musica. Pois o general pintado da brigada de Bragança, sempre que vem á séde da mesma, o maior serviço que faz, é espetar com a banda no pateo do hotel, um cubiculo acanhado e de nenhum pé direito, onde os musicos, de instrumento na bocca, andam aos trambolhões com os hospedes que constantemente necessitam transitar por elle. A maneira como isto se faz tambem é interessante: a desejo da dona do hotel é que a banda vem tocar, pois, como elle diz em plena meza de jantar, quem manda é ella.

Tenho ideia que em Lisboa se prohibiu que nas tabernas fosse annunciado o vinho por meio da bandeira portugueza, o que esteve muito em moda, e comprehende-se que o fim era fazer conservar por ella um certo respeito, não consentindo, portanto, no seu abandalhamento. O mesmo pensamento fez com que ao hymno nacional fossem dadas honras militares, o que impõe a obrigação de elle só ser tocado em actos solemnes, ou, pelo menos, em occasiões que o não ridicularisem; pois a phylarmonica do Hotel Virginia, no final de ter tocado *Os Reis* e de em paga d'isso os musicos terem empinado a sua pingoleta, tambem toca o hymno!

Tudo isto vae sem commentarios, porque elles são desnecessarios.

Bragança, 21-8-10.

Creia-me, sr. director
De V. etc.

Um seu leitor.

O nosso illustre *Papa-feijão*, ou não faz caso, ou limita-se a ordenar, se ainda for a tempo, que o dono do tal Hotel Virginia, em paga... vá votar com o governo!

Ultima palavra...

A proposito dos escandalos ultimamente occorridos no lyceu do Funchal, escrevemos aqui uns dois ou tres artigos, chamando a attenção da competente auctoridade para o estado lastimoso a que chegára a pretendida casa de educação sob a reitoria, por todos os titulos nefasta, do sr. Nuno Silvestre Teixeira, que os poderes publicos ainda escandalosamente conservam no seu logar.

Não tivemos jámais a pretensão de levar a gente do governo a proceder, e de antemão sabiamos que, se alguma coisa viesse a fazer-se, seria apenas pro-forma, para deitar poeira nos olhos dos ingénuos.

Sabemos o valôr do ensino do lyceu do Funchal, conhecemos os processos politicos dos caciques locaes, a psicologia dos madeirenses, e nada do que succedeu foi para nós motivo de surpreza, pois esse era o corollario logico da direcção do inhabilissimo reitor que todos, professores e alumnos, consideram criatura incompetente para *dirigir* seja o que fôr.

Escrevemos debaixo, é certo, d'um legitimo impulso de indignação, em face do completo descalabro mental e moral d'aquella casa de ensino, mas não esperavamos, não tivemos nunca fé em que alguma coisa de util em seu beneficio fosse feito.

Assim, viu-se que um professor — Antonio Ferreira Botelho — por querer ensinar, começou a ser apontado pelos seus collegas e por elles um tanto ou quanto malvisto, pelos que não querem e pelos que não sabem ensinar; que esse professor — por ter tido a ingenuidade de querer cumprir o regulamento (coisa que no lyceu do Funchal não se soube nunca o que fosse) foi desacatado por um estudante e, por fim, em vista da indigna cobardia do reitor e da maioria do conselho escolar, expulso pelos estudantes; que o governo permaneceu quasi indifferente a occorrencias como esta lamentaveis e vergonhosas, etc...

Os abusos vinham de longe, eram antigos os erros, e só uma syndicancia feita com dignidade poderia apurar responsabilidades e pôr o governo e a direcção geral ao corrente d'aquillo de que as informações viciadas ou menos correctas da reitoria o não haviam feito sabedor.

Uma gazêta da Madeira, redigida precisamente por um dos professores mais incompetentes do lyceu, o precioso patétinha do allemão, affirmou bem alto ser falso o boato de que se movessem influencias poderosas em Lisboa para evitar a syndicancia, mas a verdade é que essa affirmação era uma simples mentirola, e tanto assim que, já nomeado por Dias Costa, para syndicante, o sr. Mattos Romão, professor no Porto, aqui aguardando ordens do governo, lhe foi sustada a partida para o Funchal a quando da subida do novo ministerio.

O que quer dizer simplesmente que as influencias se moveram e venceram, e que o lyceu do Funchal continuará a mesma vida vergonhosa, dirigida pela mesma inhabil criatura que o trouxe, de degrau em degrau, a essa miseria aviltante em que, definitivamente, se afundou a reputação moral de alguns e se evidenciou a competencia pedagogica de quasi todos.

Quando começámos aqui estes artigos nem sabiamos quem era o professor Botelho, estavamos longe de suppô-lo um antigo condiscipulo da Universidade, mas — digam o que disserem os nossos patricios que, de espinha demasiado flexivel passam a vida em zumbaias diante de celebridades de papelão, como a d'esse ridiculo reitor Teixeira — não nos pésa na consciencia o *crime* de "havermos contribuido para o descrédito da nossa casa de ensino„ antes sentimos grande satisfação pela certeza do dever cumprido.

Vivemos ha annos fóra da Madeira, onde temos pouquissimas relações, apesar de ser essa ilha a nossa patria, mas sempre que esta penna possa de alguma maneira contribuir para a elucidação dos madeirenses, custe o que custar, a isso não nos esquivaremos.

Assim, n'este *caso* do lyceu do Funchal affigura-se-nos que fômos o unico dos que, madeirenses, em folhas rabiscando, tratámos o assumpto, se não com grande desenvolvimento, ao menos com imparcialidade, com absoluta independencia e verdade, nós que estamos fóra da Madeira, á qual só nos prendem laços de familia, a saudade inapagavel de velhos avós, emquanto que outros, na ilha residindo, propositalmente calaram, vergonhosa, commodamente se abstiveram.

Pois se estivessemos na ilha, se na ilha tivessemos á nossa disposição um jornal diario, talvez o sr. Nuno Teixeira já não fosse reitor do lyceu, é possivel que, de alguma maneira, se houvesse procedido a proposito dos ultimos acontecimentos.

Com esta penna, sim, Vasquinho effeminado e loiro, haveriamos mostrado o valor do teu ensino de allemão, com este boccado de aço teriamos exposto na praça, pelas orelhas, alguns enfatuados ridiculos e, fizessem o que fizessem os rapazes, a verdade dir-se-hia toda, sem rebuço, sem peias.

Mas escreviamos num semanario de provincia, modestamente, sem réclamos, e a nossa voz perdeu-se, como se perde sempre a voz d'um homem que diz a verdade entre um bando de cynicos que berram mentiras.

Palavras ao vento foram as nossas que se perderam no borborinho das vozes avinhadas que pediam calma para os espiritos, entre o gritar obsoleto do rapazio que pedia approvação.

Que importa? Sim, que importa, misera, ridicula gentinha?

O professor Antonio Ferreira Botelho foi victima de uma flagrante injustiça, e foi-o, sem duvida pela sua boa fé, pela sua honestidade profissional, porque não sabia a gente com quem lidava, nem os deploraveis defeitos da terra em que se havia fixado. Porque quiz ser honesto no meio de uma gente que tem como dogma esta phrase symbolica: "Eu não mandei o meu filho para Coimbra para aprender dignidade...„

Quiz ensinar n'uma escola onde em regra se não sabe ensinar e onde se não quer aprender. Quiz cumprir o regulamento onde se não sabia o que isso era.

Era como se um patusco saltasse alli á Hottentotia a lêr e commentar o codigo suisso no meio dos cafres irrequietos, como se Anatole France cahisse ahi em Serra d'Agua a fazer uma conferencia sobre os problemas da esthetica contemporanea, ou como se o Vasquinho do *Direito* se encarrapitasse no adro da egreja do Porto Moniz a recitar, á sahida da missa um numero do *Intermezzo*, em allemão... se elle conhece o *Intermezzo*, se elle sabe que existiu o homem extranho, o artista sublime que escreveu o *Reisebilder*...

O professor Ferreira Botelho foi vencido n'um combate desleal, acintôso, irritante mas com dignidade resistiu, com altivez foi vencido.

Que importa? Os outros lá estão, lá ficaram.

O reitor lá está, inoffensivo e enfatuado, triste figura ridicula, sem nada dirigir, sem nada governar, nada sabendo dirigir, sendo incapaz de governar. O Vasquinho lá fica, a ensinar allemão pela grammatica do Apell, tristemente calinico, desastradamente analphabeto, asneando e sorrindo, effeminado e loiro...

Não foi, no entanto, de todo perdida a licção; ficou-se sabendo mais uma vez que é inutil protestar contra uma injustiça n'esta boa terra portugueza e que, especialmente na Madeira, é indispensavel ser-se analphabeto para se ser... professor do lyceu.

Acabou-se tudo.

Agora só resta agradecer d'aqui áquelles que, de longe, animaram o rabiscador que se aventurou a applaudir o professor honesto contra a turba dos traficantes do ensino e pedir á modestia de Antonio Ferreira Botelho que acceite com um abraço de solidariedade, que vem desde a gréve de Coimbra, a expressão da nossa sympathia e do nosso protesto contra a lesão de direito que soffreu.

Lisboa, agosto.

J. de. C.

Um doido
a dirigir... um hospital de doidos!

A ultima evasão do hospital de Rilhafolles vem chamar, de novo, as attenções, para a situação anormal, anormalissima, em que se encontra ha muito aquelle estabelecimento, e que só n'um paiz como este se poderia ter mantido e se continuará mantendo sabe Deus até quando.

Bastaria a attitude politica do dr. Miguel Bombarda para que elle houvesse sido expulso do logar que occupa, n'um paiz digno e intelligente.

Não pode, não deve estar á frente d'um hospital de doidos, um energumeno.

A' frente d'um hospital de doidos só pode estar um homem que dê todas as garantias da mais completa capacidade intellectual e da mais completa capacidade moral. Um homem que, alem dos conhecimentos medicos especiaes, possua calma, espirito de tolerancia, espirito de bondade e bom senso.

Reune alguma d'estas qualidades o dr. Miguel Bombarda? Não reune nenhuma.

O dr. Miguel Bombarda é um energumeno, é um possesso, é um fanatico, é um doente, é um doido. E' um intolerante, é um violento, é um tyranno, emfim, é um doido.

E' um doido!

Andam ahi sempre, a proposito de tudo, n'uma situação degradante, rastejante, indigna d'um povo livre e civilisado, a submetter á apreciação dos sabios extrangeiros casos pathologicos relativamente mesquinhos. E para bem da humanidade ainda ninguem se lembrou de perguntar ás summidades scientificas do mundo, especialistas em doenças mentaes, se póde estar á frente d'um hospital de doidos um homem... manifestamente doido.

Agora é que nós queriamos ouvir esses homens, essas auctoridades medicas, esses celebres alienistas que o sr. Julio de Mattos consultou a proposito do caso Calmon e que o proprio Bombarda fez falar a proposito do caso Josepha Greno.

Venha Morselli, venha Fries, venha Lombroso do outro mundo, venha Maudsley, venha Hitzig, venha Pitti, venha Kraepelin, venha Séglas, venha Obersteiner, venha Krafft-Ebing, venha Wernicke, venha Cramer, venha Magnan, venha Sommer, venha Schüle, venha tudo, dizer-nos se está doido ou não está doido, se é um desequilibrado ou não é, um homem que, sendo lente d'uma escola superior de medicina e director d'um hospital d'alienados, pratica os actos que o dr. Miguel Bombarda está praticando em Lisboa.

Seria o pasmo d'estes homens, seria mais uma vergonha para este paiz.

Juntem esses actos, nus e crus, e mandem-n'os, em relatorio simples, sem commentario, para Londres, Berlim, Vienna d'Austria, Paris, para todos os centros scientificos, para toda a parte onde haja uma summidade alienista, e em toda a parte se ouvirá, *n'uma só voz*: «Mas como é este homem director d'um hospital d'alienados, e que paiz é esse que o consente?»

E' uma vergonha. Uma verdadeira vergonha nacional, contra a qual, sósinho, vimos clamando aqui ha mezes.

O dr. Miguel Bombarda não é um homem de sciencia, não é um homem sensato, não é um homem de coração terno, e *nem sequer é honesto e regularmente intelligente*.

Nem sequer honesto, como provámos no artigo que em 15 de maio sahiu n'este periodico e no qual lhe faziamos accusações tremendas!

Nem sequer honesto! Nem sequer regularmente intelligente! E, comtudo, deante d'elle emmudece a imprensa, deante d'elle emmudece a escola medica de Lisboa, deante d'elle emmudece a direcção superior dos hospitaes e deante d'elle emmudece o ministro do reino, o rei, tudo. Tudo!

E como se fôra pouco, Lisboa, a capital do paiz, vae galardoa-lo, elegendo-o seu representante!

Porque? Porque o vae eleger Lisboa seu representante? Porque é um fanatico! Porque é um energumeno! N'uma palavra, porque é um doido!

Lisboa vae galardoar, mais uma vez, em nome da liberdade, o fanatismo! Lisboa vae exaltar, mais uma vez, a loucura, embrulhada no manto vermelho... da democracia!

Isto não é um paiz. Isto só tem um nome. Já n'outro dia o dissemos. Dentro d'uma cloaca... um prostibulo!

*

Segue uma carta interessante, que recebemos ha perto de tres mezes. Tratava-se de um doido. Não publicámos a carta, por isso mesmo. O doido comprova agora, porem, o que dizia! Elle dizia:

"Aqui, a maior parte somos capazes de o enfiar (ao Bombarda) *por uma agulha.»* Assim é, de facto. *Elles enfiam-no* — está demonstrado — *por uma agulha!*

Alem do interesse da opportunidade, pois que o auctor da carta é um dos que realisaram a audaciosa evasão que as gazetas referiram, accresce que o *Seculo* de quinta feira declarava que o Adriano de Miranda *lhe tinha escripto* bastas vezes, reclamando contra o regimen hospitalar, mas que elle, *Seculo*, não lhe publicara as cartas, *por não poder dar credito aos innumeros disparates que inseriam*. Ora, como os leitores vão ver, os disparates não existem. Logo, o *Seculo* não publicava as cartas simplesmente por ellas serem desagradaveis... a um membro da sua quadrilha!

Não só não ha disparates, á parte os erros de grammatica, como, na carta que segue, o Adriano diz *muitas coisas verdadeiras*.

Seja como for, a carta é interessante, lança nova luz sobre o Hospital de Rilhafolles, tem opportunidade, e, portanto, ei-la ahi, tal qual a recebemos.

Leiam-na, que é, no fundo, magnifica.

Se o diabo do doido soubesse grammatica... mettia n'um chinello o Margarido!

Lisbôa 5-6-1910

Ill.mo Ex.mo Snr. Capitão Homem Christo,

Muito humilde e respeitosamente venho por este meio saber da illustre saude de V. Ex.cia assim como de V. Ex.ma familia.

Meu amabel Capitão, por saber que V. Ex.cia tem sido e é, um caritativo; para bem dos pobres e para mais de ex-infelizes militares, como eu; Venho pedir a V. Ex.cia muito respeitoso a publicação; d'estas linhas afim de sua Ex.cia Snr. Ministro do Reino; dar as providenças nesseçarias para que muitos infelizes lucidos como eu tenha-mos os nossos destinos, daqui para fóra; e para podermos ajudar nossos pobres paes, e governar-mos a nossa vida.

Meu sincerio e amabel Capitão, Eu Adriano de Miranda, ex-Corneteiro; de Batalhão de Caçadores N.º 1 tendo eu desobedecido ao mestre de Corneteiros do dicto Batalhão dia 29 de Abril de 1905 foi perposto para Conselhos de guerra, tendo vindo para Lisbôa afim de dar entrada no Castello de S. Jorge dia 9 de Maio do dicto anno; foi julgado dia 3 de Novembro de 1905 e cendo Condmnado em 3 annos de Presidio-militar, mais como sua Ex.cia Snr. Capitão, Feleziano do Nascimento Pinto, Meu Respeitavel Defensor, se entressa-se por mim, pedeu por meio de Conselhos de guerra, para eu ser Observado pelo Art.º 362 do codigo 2.º de justiça militar, tendo eu Baixado ao hospital da Estrella d'esta cidade para esse fim. Da li, desertei dia 31 de Julho de 1906 e cendo preso na cidade do Porto, quando andava abordo da Escuna Tres-macs, da Compani do Petroleo; isto dia 26 de Janeiro de 1907 Vim daquella cidade para Lisbôa dia 10 de Março de 1907 foi a interrogatorios aos tribunães, e tornaram-me a baixar ao hospital, dia 9 de junho de 1907 foi dádo inrresponsavel pelos Ex.mos Snr.es Peritos militares, depois disso mandaram-me ao exame medico legal a Rilhafolles dia 15 de Setembro, e para esse exame Já á 3 annos que me aqui encontro sem até hoge ter doença alguma, pedi sempre para me mandar responder sempre me foi dizendo que assim que tivesse meia porta aberta que me mandava embora mais até hoje essa meia porta é a que fica do ládo da rua do gomes Freire. visto eu já ter sido dado inrresponsavel e ter acabado o meu tempo de serviço militar, pedi-lhe o meu destino diz que imperora não podia ser alem disso como V. Ex.cia deve de estar certo que quando esses a ruaceiras mataram Suas, Magestades El-rei Snr. D. Carlos 1, e o Principe Snr. D. Luiz Filippe, Ouve perdão geral para todos os militares do exercito e da armada em que todos os Desertores, ficaram Livres do crime de deserção;

Alem disso saberá V. Ex.cia que tanto não tenho nada com a vida militar, que até já para aqui veio a minha baixa militar, livre de reserva e exente de todo o serviço; isto em Outubro de 1909 que ella cá esta nãmão d'este Snr. Bombarda, E querendo fazer da gente algums parvos quando aqui a maior parte somos capazes de o enfiar por uma agulha, Pois bem sabemos por que não quer nos dar alta, há quelles de melhor ideia é, para não lhe discobrimos-lhe a marronca lá fóra, e por isso só tem dado alta, aos mais parvos que tanto estão lá fóra como cá dentro e é isso para o acarditar; para dizer o publico quando dá alta; a esses que fará quem cá está. pois deu alta a um chamado Ivo, que tinha feito uma morte de caso pensado e só esteve cá 3 annos isto por elle ser sobrinho de um Snr. Juiz

Eu e outros que somos pobres e não temos crimes de morte temos que cá estar toda avida. isto por não ter-mos padrinhos com que emcha o bolso ao Bombarda, nem á justiça em Portugal não há quem fassa uma sindicança para que se a pôr as injustiças que está aqui afazer a homens Lucidos?... Diz V. Ex.cia no seu illustre jornal do dia 15 de Maio que qualquer dos Empregados são; castigados por leves faltas regorosamente, Pois tenho a dizer a V. Ex.cia que ainda mais são; Castigados nós como doentes Pois que os Empregados quando não queirão serem castigados podem se despedirem na mesma ocasião; e os doentes tem que sofrerem castigos severicimos que são de difrentes especе 1.º Coletes de Forças; apertadissimos 2.º Tiram-nos o sustento e hão nos dão cigarros; 3.º Semos presos num quarto de peias e de colete, vistido; 4.º Semos presos aberços especе de caixão; de Colete de Forças vistido e esticados dos braços para cada ládo do berço e aos pés, com tres Lenções; e uns por outros que digam ás familias, dizem elles por traz da gente que é, mentira; por isso não sei qual seja a Nação barbera e currupta que assim deixou pizar os pobres aos pés, Pedimos a V. Ex.cia um grupe de homens lucidos da 8.ª Repartição; para que venha uma sindicancia a este hospital, e para que V. Ex.cia se possa comfirmar; Queira V. Ex.cia Pedir providenças a esse respeito e a quem competir para que se acabe com estes a busos. já estamos a ver que os doidos dão algum entresse ao Bombarda por que senão dava alta, a muitos homens mais até com os doidos este Bombarda Negoceia.

De V. Ex.cia

Um Sobordinado Att.º V.en Obediente em tudo. Adriano de Miranda, ex-Corneteiro; de Caçadores N.º 1 da 4.ª comp. N.º 9/2176 hospital matadouro de Rilhafolles 8.ª Repartição; Lisbôa.

AMiranda Natural de Vianna do Castello; filho de Sebastião de Miranda, Barqueiro e de Anna Urbana de Sousa, já falecida em 1889.

De Nenhures

26 de agosto

Se isto é um mal de raça, diz-se muitas vezes, o que se ha de fazer?

Mas é que não ha mal que se não cure. Ou, antes, contra o qual se não possa luctar. E' terrivel entregarmo-nos a esses fatalismos. E só se entrega a elles o ignorante.

Pois porque é que eu combato, que eu combati sempre a ignorancia? Ninguem a tem combatido mais do que eu em Portugal. Isto é, com mais energia, com mais pertinacia, com maior convicção. São estas as qualidades do meu caracter. Ha quem saiba dizer as coisas muito melhor do que eu. Mas não ha muito quem ponha mais tenacidade em as dizer, desde que me possuo da verdade.

Porque é que eu combato, que eu combati sempre a ignorancia? Porque d'ella resultam os maiores preconceitos, os mais graves prejuizos, os grandes erros de que enferma a humanidade.

Terá defeitos, e tem-os, a nossa raça. Mas se o crime se cura, a hereditariedade do crime, a hereditariedade do vicio, a hereditariedade da loucura, porque não havemos nós de curar os defeitos da nossa raça?

O que nos mata é esse abandono, essa incuria, esse desleixo, esse fatalismo ignorante. *O que tem ser, ha de ser.* Pois não ha tal. O que tem de ser não ha de ser, se a tempo e a horas quizermos que o não seja.

Maudsley, no seu livro *O Crime e a Loucura*, diz-nos que não é raro ver duas pessoas, collocadas ambas sob a influencia perigosa da hereditariedade, e ambas egualmente predispostas para a loucura, seguirem caminhos differentes: uma tem successo na vida, chegando até a adquirir reputação ou gloria; e a outra vae parar ao suicidio ou á loucura. O que salvou uma? O que perdeu a outra? Uma salvou-se porque felizmente appareceu um emprehendimento, um ideal, um objectivo que a apaixonou, absorvendo-lhe e exigindo-lhe energias e ao mesmo tempo impondo-lhe a renuncia e a disciplina de si propria. E a outra perdeu-se porque lhe faltou um esforço salvador. Não teve um motivo bastante poderoso para se dominar, para se guiar, para educar a vontade, para se disciplinar, deixando a porta aberta á corrente tumultuosa dos pensamentos e das impressões que arrastam á loucura.

E' interessante, continua Maudsley, e curioso, observar as singulares sahidas que um grão de loucura constitucional encontra ás vezes para se desenvolver e tomar rumo. Ora é uma minucia, uma insignificancia extrema e sordida; ora é a adopção fanatica de doutrinas ou praticas religiosas excessivas; ora os absurdos d'um commercio imaginario com o mundo dos espiritos, uma disposição doentia, um delirio poetico; ora a propaganda desordenada das theorias sociaes ou politicas as mais exaggeradas.

Qual é, pergunta ainda o illustre sabio inglez, a regra a traçar, o conselho a seguir para fugir a um ataque de loucura, quem por ella se sentir ameaçado? Problema difficil, enormemente difficil, até. Mas o que é verdade é que, existindo na creatura humana o poder de se conter e de se dirigir capaz de prevenir a loucura, poucas pessoas se tornariam loucas, ao menos por causas moraes, se conhecessem todos os recursos da sua natureza e soubessem desenvolve-los systematicamente. N'uma palavra, é preciso reagir. Ter vontade e saber dirigir a vontade.

E' o que se não faz em Portugal. Em Portugal não se reage. Em Portugal *não se faz a educação da vontade.* Porquê? Pela maior de todas as razões: pela ignorancia dos factos. E dos effeitos. E das causas. Em Portugal estabelecem-se principios falsissimos. A cada passo. Formam-se correntes erradas. E como a ignorancia é enorme, e a covardia civica tamanha como a ignorancia, ninguem sabe a combater esses principios e a contrariar essas correntes por uma propaganda energica e bem ordenada.

Voltando ao sabio inglez, diz elle ainda que o caracter resulta do *desenvolvimento lento e continuo da acção nas diversas circumstancias da vida em que o homem se sente solicitado.* **Um homem não pode querer, como não póde falar, sem ter apprendido; e a vontade, como a palavra, não se apprende senão pelo exercicio e pela pratica.**

Isto é uma grande verdade. Verdade scientifica, hoje universalmente comprovada, e verdade pratica. E dizemos *verdade pratica*, porque nós todos, os que não somos sabios, a reconhecemos na experiencia da vida a cada passo.

A vontade apprende-se. Mas quem faz o ensinamento da vontade em Portugal?

E' preciso querer e saber querer. Evidentemente, o homem não pode querer como o burro. Quem faz esse ensinamento difficil em Portugal? Para saber querer é preciso saber racionar. Quem raciocina em Portugal? E' uma pergunta vaga, claro. Certamente, ha quem saiba raciocinar em Portugal. Mas toda a gente percebe onde nós queremos chegar. Ha quem saiba raciocinar em Portugal. Mas os educadores publicos, os dirigentes, jornalistas, publicistas, parlamentares, professores e todo o mundo em geral, ou formulam falsos raciocinios, ou, quando são exactos e ferem preconceitos ou interesses, não teem a coragem de os manifestar. Esses seguem o trilho automatico da raposa, a que o mesmo Maudsley se refere.

A primeira condição do raciocinio, mesmo a sua condição fundamental, *sine qua non* á face da moral, é a verdade. Era essa a primeira educação a fazer: a do amor da verdade. Mas quem ama a verdade em Portugal? N'este paiz de traficantes politicos, de charlatães, de quadrilheiros?

E' por isso que eu tenho sempre respondido, áquelles que me censuram os *meus combates pessoaes*, e me pedem antes os antigos artigos doutrinarios: *nunca eu fiz tamanha obra de educação, e tão solida, a fulminar tratantes, pulhas de bem e pulhas desavergonhados, como agora.*

Ninguem, seguramente, volta Maudsley a dizer-nos, pode pensar ou sentir de certo modo por um puro esforço de vontade, ou mesmo, o que é muito mais facil, obrar sempre segundo certas regras; mas todo o homem pode, agindo sobre as circumstancias, que, por sua vez, agirão sobre elle, *modificar imperceptivelmente* o seu caracter; todo o homem pode, por consequencia, chamando em seu auxilio as circunstancias exteriores, apprender a desviar o seu espirito de uma serie d'ideias ou de uma ordem de sentimentos, cuja actividade, por conseguinte, se extinguirá; todo o homem pode dirigir o seu espirito por uma outra ordem de sentimentos e idéas, que se tornarão mais activas; e, por uma constante vigilancia sobre si proprio e um exercicio habitual da vontade n'uma direcção determinada, assim chegará a contrahir insensivelmente o habito das acções, dos sentimentos e dos pensamentos aos quaes desejava elevar-se. Pode, n'uma palavra, augmentar gradualmente o seu caracter, até ao ideal que se propõe.

Assim fala Maudsley. Assim fala Tarde. Assim fala Payot. Assim, como veremos, porque não damos ainda hoje o assumpto por exgottado, falam todos os homens de sciencia e todos os philosophos.

O caracter *reforma-se.* E, desde que se reforma, é essa a grande obra — tantas vezes o temos dicto! — a executar em Portugal.

Iremos a tempo? Ignoramo-lo. A obra faz-se. Mas é lenta.

Com o espirito cheio de leituras incompletas, a todo o instante ahi apregoam philosophos d'agua chilra o *fatalismo*, o *determinismo*, como um facto inevitavel. Nascemos com defeitos? Esses defeitos perpetuar-se-hão até ao consummar dos seculos. Ora não ha duvida que o poder directo da vontade não é grande sobre os sentimentos e as idéas. Mas não é grande para uma *resultante immediata.* Se ella for fraca, a vontade, se não estiver educada, se não estiver formada, como ha de exercer, sobre os pensamentos e os sentimentos, uma acção immediata? Ahi peccam os do livre arbitrio. Mas os do determinismo não peccam menos nas suas generalisações exaggeradas.

A vontade é como um musculo. Só depois d'um grande *treno* nós podemos exigir ao musculo um esforço intenso e prolongado. Da mesma forma, só depois de um exercicio methodico e persistente nós podemos levar os pensamentos e sentimentos á obediencia da vontade. Mas que os levamos a esse ponto, é um facto.

Payot, refutando a doutrina do *caracter immutavel*, sustentada por Kant, Schopenhauer e Spencer, escreve: *quem não vê que o caracter não é mais que uma resultante?* Ora uma resultante de forças, accrescenta, *é sempre susceptivel de se modificar.*

Payot revolta-se, e com razão, contra os *theoricos do desanimo*, como lhe chama, mais prejudiciaes á França que os vencedores de 1870. O mal que não fez Taine, com a sua enorme auctoridade, a sustentar que a vida é independente da vontade! Elle quiz combater o espiritualismo de Cousin, mas tornou-se mais prejudicial cahindo no extremo opposto. O que levou Payot a exclamar: *Tant il est vrai qu'en ces matières délicates, mieux vaut une légion d'adversaires qu'un tranchant et maladroit ami.*

Ora exactamente. D'esses amigos do diabo, que eu ha muitos annos ando a mandar *para casa do diabo* a toda a hora, está cheio Portugal. D'esses Jeremias, d'esses choramigas, que se põem de cocoras, como as carpideiras, a prantear os nossos destinos sobre as ruinas da patria, e alli ficam, como corujas, levando, com o seu pio agoirento, o desanimo ao coração de todo o mundo.

Os verdadeiros inimigos de Portugal, são esses. Não é bem o bandido do Affonso Costa nem o bandido do João Arroyo ou do Centeno. São esses. São esses, a clamarem que não ha recurso contra os bandidos, pois que os bandidos não são mais que a synthese do espirito de raça.

Na verdade, não são mais que a synthese do espirito de raça. Mas assim como o Arroyo já não é tão mau como o carrasco de Segovia, de quem descende em linha recta, assim esse espirito de raça se pode modificar, e se ha de modificar, se os que lhe fazem excepção, e que são muitos, luctarem decididamente contra elle.

Todos nós temos horas de desanimo, e é natural que as tenhamos, a contemplar o espectaculo deprimente, tristemente, vergonhosamente deprimente, que nos offerece a patria portugueza. Mas se reagirmos, se luctarmos, é possivel que vençâmos. A cruzar os braços, ou a pôr as mãos nas orelhas como o macaco quando nos sentimos afundar, é que, positivamente, não nos salvamos.

Payot começa o primeiro capitulo do seu bello livro *L'Éducation de la Volonté*, dizendo:

Caligula souhaitait que les Romains n'eussent qu'une tête afin de les décapiter d'un coup. Il est inutile de former pareil souhait pour les ennemis que nous avons à combattre: la cause de presque tous nos insuccès, de presque tous nos malheurs est unique, et c'est la faiblesse de notre volonté; c'est notre horreur pour l'effort, principalement pour l'effort durable. Notre passivité, notre légèreté, notre dissipation, ce sont autant de noms pour désigner ce fonds d'universelle paresse qui est à la nature humaine ce qu'est pour la matière la pesanteur.

O que Payot diz da França, com muita mais razão o podemos nós dizer de Portugal: a causa unica de quasi todos os nossos insuccessos, de quasi todas as nossas desgraças, é o *nosso horror por um esforço duradouro*, é a fraqueza da nossa vontade.

C.

A questão Hinton

Que queriam os homens que promoveram o comicio, senão que d'aqui fosse alarme que forçasse o governo a approvar o novo projecto?

Por lá, já tudo estava preparado e bem combinado, portanto, indo d'aqui uma supplica e juntamente uma ameaça, dizendo que o povo estava inquieto, receando-se uma alteração na ordem publica, isto seria o sufficiente para levar o governo a acreditar e forçal-o a ceder, de prompto, ao que se pretendia, e se preparára de antemão.

A tudo se prestára este *paternal, insigne* e *honrado* governo.

Mas as coisas não deram resultado; não obstante, ainda fizeram todos os esforços para conseguirem os seus fins e um d'elles foi escrever ao prelado para enviar um telegramma a El-Rei, pedindo-lhe para se interessar pela urgente solução do projecto. Ora, d'esta gente, a maioria pouco se importa com o prelado, mas n'este negocio a sua interferencia era magnifica para a sua consecução. Mas nada conseguiram, e isto foi, ainda assim, uma lição salutar para elles.

Depois de tanto barulho, de tanto vexame, em que o governo foi altamente vilipendiado, com toda a razão, porque não é assim que se trata dos interesses d'um povo, pois o que se pretendia era muitissimo prejudicial para esta ilha, depois de tudo isto, digo, foi, finalmente, adoptado o que no comicio o sr. dr. Lucio disse: "que fosse permittida a matricula só por este anno„ era o que se impunha, e a unica resolução a tomar, e assim se fez.

Agora findou a colheita da canna, já ninguem pensa nas difficuldades que se deram e, d'esta vez, muito maiores do que em anno algum.

A razão d'estas difficuldades não é outra senão a superabundancia de canna que, de anno para anno, vae sendo maior.

Em cada anno, desde 1903 ou 1904, foram-se dando a Hinton tantas concessões quantas elle exigia, e tudo o mais que queria. Nada mais havia que dar senão esta ultima, que era de todas a peor e a mais infame, como muito bem se disse na Camara.

Ultimamente, para conseguir os seus fins, á força, chegada a epocha da colheita, não se matriculava para causar embaraço aos lavradores e obrigar o governo a conceder-lhe mais regalias.

* * *

Desviemo-nos, por agora, d'este assumpto, para dizermos alguma coisa da desorganisação e atrazo em que está a agricultura madeirense. E' isto não só devido á crassa ignorancia da generalidade dos lavradores, essencialmente rotineiros, mas tambem a serem obrigados pelos senhorios a fazer sómente duas culturas, vinha e cannayuba, a mais inferior, a mais réles e ordinaria das cannas que ha em todo o globo, mas que aqui gosa de immensas protecções, que só governos portuguezes teem a insensatez de lhe conceder.

Mais ainda, para augmentar a crassa ignorancia do desgraçado lavrador, ha quem lhe metta na cachimonia que a crise não é da abundancia, e que um regimen, á sombra do qual duplica e chega a quintuplicar, não póde, de fórma alguma, ser causa de crise.

Esta só pelo diabo!

Então a dupla abundancia de qualquer genero não é a causa da crise?

Quem me déra poder mandar, de presente, um *sabio* d'estes á America, para ella o apreciar devidamente, já que aqui só são acreditados por rudes lavradores.

Ha poucos annos houve na America do Norte uma grandissima abundancia d'algodão e logo deliberaram queimar grande porção de fardos. Assim se fez, e o outro algodão que ficou foi vendido por bom preço.

Acabou a crise n'aquelle anno e **nunca** mais a houve, porque deixou de plantar-se algodão em tão grande quantidade...

Isto faz-se n'um paiz onde ha juizo e senso.

No nosso é o que estamos vendo.

Ha sete annos atraz, havia 25 mil toneladas de canna, hoje ha 70 mil ou mais; isto é uma superabundancia medonha, que será preciso (para attenual-a) que o governo conceda entrada, livre de direitos no continente, a cinco vezes mais assucar do que ha sete annos. Mas os governos portuguezes só sabem debellar crises, fazendo vergonhosas concessões como estas que acabamos de enumerar.

Mas de tudo o que se torna mais asqueroso e nojento é o governo transacto, na ancia de querer servir o *benemerito* industrial, dizer que se viu constrangido a adoptar o novo projecto, simplesmente para evitar notas diplomaticas!

Mais tarde, depois de tudo apurado, ha-de vêr-se que nunca existiram taes notas diplomaticas.

E é assim que se fala *verdade!*

Como se ha de classificar este procedimento!?

Funchal, agosto 1910.

S.

Malandros!

Mas malandros sem sombras de pudor.

Eu já nem leio o que esses bandidos dizem nos comicios, por esse paiz alem. E não leio porque, á força de desfaçatez, de desvergonha, de cynismo, chegam a irritar-me.

Mesmo sem lêr, sei o que elles dizem.

Aquillo é musica invariavel! Mas, emfim, não lendo, não me lembro. Esqueço-os. E se leio, reaccende-se a indignação eterna que me produz a hypocrisia, a infamia dos canalhas.

Que grandes bandidos! E que grande paiz de bandidos, que os ouve e enaltece!

Que grande paiz de bandidos!

Ora vejam o que disse no comicio de Setubal um malandrim, que dá pelo nome de Americo d'Oliveira:

No partido republicano não ha ladrões, posso dize-lo desassombradamente.

E se enforcassem este bandido, obrigando-o a morrer de lingua estendida pela bocca fóra, aqui de Deus que era uma crueldade!

No mesmo comicio, um pedante, que dá pelo nome de Jorge Nunes, e que está prompto a morrer pela democracia, comtanto que lhe não ponham o triguinho mais barato, porque... muito amiguinho do povo, mas amigos, amigos, negocios á parte, berrava:

A' attitude dos deputados republicanos no parlamento se deve a conservação de Portugal como nação independente.

A este, enforca-lo era muito. Mas dois pontapés, eram bem dados!

*

Agora o famoso Alexandre Braga. Esse falou em S. João das Lampas, aos saloios, boquiabertos. De cima d'um muro, diz o *Mundo*, para disfarçar. Sabe-se que foi de dentro d'um tonel, préviamente esvasiado por sua excellencia e mais companheiros da bambocha. E tão eloquente e proficientemente falou, que, ao fim de tres quartos d'hora, deixou os saloios... *habilitados a exercerem o mais conscientemente possivel o direito d'escolher o seu representante no parlamento.*

Que tartufos! Que tartufos!

Mas o homem falou tambem na Terrugem.

Ahi não havia vinho. Se não fosse a amabilidade do maior influente monarchico da localidade (segundo o orgão do *Margarido*), o sr. João Sardinha, que lhe offereceu uma pinga para elle molhar a palavra, o Alexandre ficava de guela secca. Mas a pinga do sr. Sardinha, em cima da empanzinadella de S. João das Lampas, toldou-o. E o homem, na allucinação das grandezas, comparou-se... a *Jesus!* E *explicou* — reza o collaborador do Margarido — *d'uma fórma simples e instinctiva a organisação do Credito Predial e o que representa o seu descalabro.*

O Alexandre Braga, a explicar d'uma fórma simples e *instinctiva*, aos salois, a organisação do Credito Predial! Então não era muito mais facil e *instinctivo* explicar a maneira como o Leandro, tendo ficado sem camisa, foi parar á Penitenciaria?

Emfim, o homem ainda falou em Cascaes. E em Cascaes... *foi elegante, colorido* (palavras do «reporter» do *Mundo*) *cheia de fogo e de grandeza a sua palavra magica ao terminar, referindo-se á revolução imminente, dizendo:*

N'ella morreria de gosto, sentindo, na hora derradeira, o primeiro vagido do futuro a nascer.

Ha de perdoar, mas isso é eloquencia do nosso illustre patricio o Termónocú, aliás correligionario, e collega — pois tambem é chefe — do n.º 5. Isso é eloquencia do *Termónocú*. E não se chama *o primeiro vagido do futuro a nascer.* Chama-se... *o ultimo suspiro do porco a morrer.*

Suspiro a que tem todo o direito o *Termónocú*, desde que o Alexandre o plagiou. E que o *Termónocú* ha-de recolher e conservar... como reliquia. Se o Alexandre cahir na asneira, que não cahe, — aquillo são cantigas para saloio — ... de se deixar morrer... no dia glorioso.

O *primeiro vagido do futuro a nascer!*

Está vingado o auctor das *Notas d'um Pae*, o santo Bombardino.

*

Está vingado, mas, a este, ninguem o excede. Diga-se a verdade: ninguem o excede. Nem na bacoquice, nem na hypocrisia, nem na charlatanice, nem na velhacaria. Ao tratante mór que se celebrisou pelo dicto famoso:

Dizer-se republicano é dizer-se homem de bem em Portugal!

Ninguem o excede, a esse formidavel tartufo! Ora vão ver. Em Bucellas disse elle:

Ser republicano é hoje uma nobreza em Portugal.

Outra, como a de... *dizer-se republicano é dizer-se homem de bem em Portugal.* Outra!

Mas não ficou por ahi. Disse mais:

Para os monarchicos dir-se-hia, por vezes, que não teem familia, ou, melhor, teem apenas uma familia — a familia real.

Os monarchicos *não teem familia.* Mas elles teem a familia do Margarido, do Carlos Trilho, do Alexandre Braga, do Trinta e do Arthur Leitão! E de tantos, tantos outros como esses!

Que grande malandro!

Mas ha mais:

O nosso amor ao povo, ás creanças e ás mulheres tem-nos nobilitado.

Exactamente. Da forma por que a Margarida nobilitou o França Borges, e a Pilarica e a Fuensanta o Carlos Trilho! Exactamente!

O amor do Trinta, do Alexandre Braga, do Arthur Leitão, do Padua Correia ás mulheres e á familia é... *modelar!*

Que tratantes!

Quanto aos filhos, os do Cunha e Costa, abandonados em pequeninos, e o do França Borges, entregue á Emilia d'Oliveira, falam... eloquentemente!

Quando tremular em toda a parte a bandeira da Republica, estão assegurados em todo o Portugal a felicidade e o bem estar do nosso Povo...

A mão que lançar na urna um voto livre terá direito a ser apertada pela esposa querida e beijada pelos filhos adorados.

A monarchia não nos ataca simplesmente a nós, mas ao futuro da Patria. Ser republicano é não ser só bom patriota, mas ser bom filho, ser bom pae. Os que amam verdadeiramente a patria portugueza são os que militam no partido republicano. No dia em que se proclamar a Republica em Portugal, poderá dizer-se affoitamente:

Estão salvos os nossos filhos!

E lembrarmo-nos nós de que este ignobil charlatão, este abjecto *estraga-queixos* e reles vendedor de pastilhas, ainda um dia se ha de sentar no throno das Necessidades, em nome da... democracia!

Ah, miseravel paiz!

*

Finalmente, para ter sido completa a *gloriosa jornada* do ultimo domingo, annunciada pelo orgão official da prostituição republicana, em grandes lettras, no alto da 1.ª pagina, n'estes termos solemnes: *O rei ainda está no paço, mas a Republica governa já de direito no coração de todos os portuguezes,* falou tambem o n.º 1, o que está atacado de *pachydermia.* E tratando-se da inauguração d'uma escola, já sabemos que se declarou o mais enthusiasta apologista da instrucção, fulminando a monarchia pelo desprezo a que a vota.

Que a monarchia a despreza, não ha duvida. Basta pagar-lhe a elle, como professor, sem que elle, em troca, dê aos seus alumnos *uma unica lição.* Simplesmente falta saber qual é o maior bandido: *se o ministro do reino que lhe paga, em nome da monarchia, se elle, que, sem trabalhar, recebe o dinheiro da monarchia, para descompôr, ainda em cima, como juiz austero e philosopho moralista, a monarchia.*

Quem é, dos dois, o maior bandido?

Quem é que mais despreza e mais explora a *santa causa* da instrucção?

Só a tiro! Di-lo-hemos sempre: *Só a tiro!*

E ainda elle disse: *O homem só pode libertar-se de quem o rouba sabendo como o roubam.*

Qual? Então nós não sabemos perfeitamente como nos rouba esse bandido? E já nos libertámos d'elle?

O homem só pode libertar-se de quem o rouba correndo o ladrão a tiro.

Nunca ninguem encontrou formula mais pratica, desde que não haja justiça official, para se livrar de bandidos.

Uma coisa, só, elle disse acertada. Foi esta: *O ultimo acto do rei, entregando-se aos liberaes, é o começo do seu suicidio.*

Aqui, sim. Foi verdadeiro. E foi a unica coisa verdadeira que, por entre tanta especulação e tanta mentira, se proferiu n'aquelle dia.

Marinha de guerra

... Sr. Homem Christo
Director do «Povo de Aveiro»

Pelos jornaes deve V. já estar ao facto da brusca, inesperada e inconveniente ordem de partida dos navios de guerra: «D. Carlos», «Adamastor» e «Tejo», no sabbado á noite, sem commissão e destino conhecidos, o que tem causado o espanto de toda a gente sensata e ponderada. Em geral todos censuram o governo, mórmente os ministros do reino e da marinha pela leviandade de tal ordem; mas se até certo ponto elles são os culpados por considerarem os navios de guerra como qualquer collegio de meninos, o que admira mais é que a auctoridade superior da marinha, que, pela sua elevada posição e como representante technico da mesma, tem maiores responsabilidades, concordasse plenamente, sem a minima objecção contra a formal desconfiança do governo pela corporação de que ella é chefe.

Temos a certeza de que se ella fixesse ver aos ministros o mau resultado de tal ordem, elles sustariam os seus impetos; em caso contrario, apresentasse a sua demissão.

Desculpe este desabafo e creia-me seu admirador

De V. etc.
C.

Contra a auctoridade superior de marinha, tem toda a razão o signatario. De facto, a ordem emanada do governo quer dizer claramente que a corporação da marinha de guerra é um bando d'energumenos, uma cohorte indisciplinada, uma tropa-fandanga, em que tanto valem officiaes, como sargentos, como soldados.

Desde que um official não tem força para impôr a disciplina, esse official está exauctorado. Ora das duas, uma. Ou o official da armada nacional *desceu* a ser um instrumento da ultima escoria da sociedade portugueza, creatura ás ordens do Margarido, do Affonso Costa, do Carlos Trilho, do Arthur Leitão, do Padua Correia, do Marinha de Campos, emfim, de toda uma quadrilha infame e ignobil, ou perdeu toda a auctoridade sobre o soldado. De qualquer das formas, está exauctorado. E o reconhecimento d'essa exauctoração, formal, publico, está na ordem dada aos tres navios de guerra, e a que se refere o auctor da carta. Pode um official de marinha, o chefe da corporação, ser solidario com esse reconhecimento, com a publicidade d'essa exauctoração?

De modo algum. O facto **poderá ser...** *um facto.* Mas a honra da classe e a sua propria honra impunha-lhe o dever de, *solemne* e *publicamente*, o não reconhecer. O dilemma estava posto, na verdade: ou resistia, ou demittia-se.

Isto quanto ao major general da armada.

Quanto ao governo, da mesma forma o seu procedimento é injustificavel desde que elle é o primeiro a consentir que abjectas creaturas, como Marinha de Campos, arvorem o estandarte da rebellião em nome da corporação da armada. Ainda ha dias o *Mundo*, como se fosse orgão da marinha de guerra portugueza, vinha a publico participar a indignação dos officiaes da canhoneira Tejo por se haver dicto que elles eram... franquistas!

Uma vergonha. Sabe o auctor da carta, que ahi fica, o que isto é? Tudo isto? Uma vergonha nacional. Para juntar a tantas outras que estão mostrando aos olhos do mundo culto que isto é um paiz perdido, apodrecido, degenerado.

Uma vergonha! Em que todos significam e valem... o mesmo.

O mesmo!

Estão uns para os outros.

Fundo de propaganda

Transporte do numero 1:372 .	332$010
Um passageiro do vapor *Lanfrank*.	100
Somma	332$110

Patins

De duas a quatro rodas para estrada e pista. Chegou novo sortimento da melhor marca.

CASA SENNA. SALÃO DE JOGOS

Lisboa — 48, R. Nova do Almada, 52 — Lisboa

CARTAS LISBOETAS

25 de agosto

Quando estas garatujas passarem por sob os teus olhos, leitor, estará o povo portuguez pronunciando-se nas urnas, estarão degladiando-se pro forma, bem entendido, os bloquistas e os partidarios do sr. Teixeira de Souza. Uns e outros, desavindos, teem jogado as ultimas na imprensa e vão, agora, queimar os ultimos cartuchos na urna.

O governo tem sido accusado de tudo e os seus partidarios teem accusado, por sua parte, as opposições das maiores baixezas, podendo dizer-se, sem receio de erro e com o consentimento do sr. Candido de Figueiredo, diccionarista e caturra, que os diccionarios teem deitado cá para fóra o seu mais indecoroso vocabulario.

Ha muito tempo, talvez, que se não assistia a um combate de tal forma movimentado, mas é forçoso confessar que os contendores não teem sido interessantes.

Não ha, nem d'uma nem d'outra banda, jornalistas de pulso que tenham lampejos de talento, nos seus escriptos. Não se vê ahi assim a força indomavel de Navarro ou a chalaça soberba de Marianno de Carvalho. E' d'um lado o sr. João, do outro o sr. Francisco. A prosa do conselheiro Accacio contra a verve de Ambrosio das Mercês, uma triste coisa ridicula... Ainda hontem recebi d'um amigo uma carta longa contando-me coisas mesquinhas da politiquice d'aldeia e, francamente, senti tentações de o descompôr, vendo empregada a sua pessoa no relato d'essas coisas baixas...

Mas... quem ganhará a partida? Evidentemente, o governo, e com toda a razão.

O governo diz que representa a opinião liberal do paiz, que tem comsigo o povo e o povo, por sua parte, bondoso como é, descuidado e analphabeto, diz que sim ao governo.

Abrem-se as camaras e é a mesma comedia do anno passado, a mesma ridicula farça d'ainda ha pouco.

Quebravam carteiras os regeneradores, com o pretexto dos escandalos do Crédito Predial, passarão a quebrar carteiras os progressistas, com o pretexto do sr. Souza ter adeantado uns dinheiros á familia real.

Batia bifes o sr. Jardim, batê-los-ha o sr... o sr... o sr. Cayolla, ou o sr. Cabral, ou o sr... qualquer coisa.

O que é preciso, agora, é deitar o ministerio a terra e a moral progressista, em nome da ordem, é, afinal, a mesma do governo, em nome da liberdade. E' a moral do republicano, é a moral nacionalista — no fundo, a immoralidade nacional.

Todos a mesma coisa, filhos das mesmas escolas com os mesmos graves defeitos, com as mesmas escassas virtudes — todos os mesmos portuguezes, na phrase tão expressiva e significativa de José Dias Ferreira.

Todavia o governo tinha deante de si uma obra importantissima a fazer — a remodelação do nosso direito, por exemplo.

No ministerio está um lente da faculdade de direito, a pasta da justiça está a cargo d'um Jurisconsulto distincto, por uma infamia afastado da cathedra da Universidade, e esses dois homens alguma coisa podiam fazer para a modificação das leis portuguezas que são pessimas.

O nosso codigo civil, por exemplo, é, em boa verdade, um monstro, mas como tal tem resistido para nossa vergonha, aos embates da opinião intelligente, e não ha meio de pregar com ella em terra.

Terá o sr. Fratel occasião de mostrar na ca-

mara que de alguma maneira o interessam os problemas juridicos? Appoiará elle, em nome do gabinete, os projectos de lei que se apresentarem, tendentes a modificar n'um sentido progressivo a legislação portugueza?

Terá o ministerio força para cumprir o que prometteu? Deixa-lo-hão as opposições fazer alguma coisa? Teria elle mesmo pensado alguma vez em realisar obra de reforma, meritoria?

Isso era o que interessava saber agora... para se prepararem aquelles a quem estes problemas juridicos interessam, aquelles que no cultivo das sciencias sociaes e juridicas formaram o seu espirito e que, sabendo o que vae lá por fóra, algumas indicações uteis poderiam dar para a obra que ha a realisar em Portugal.

As eleições teem tomado o tempo a todos e, afinal, a vida portugueza ha de continuar a mesma.

Sem uma alteração digna de registo.

Berratas na camara depois de insultos, improperios, inconveniencias e chalaças na imprensa e tudo continuará na mesma.

S. M. tomará o seu banho no Luso, ouvirá a sua missa, receberá as suas visitas, lerá os jornaes...

S. M. o povo lerá os jornaes, irá pelos comicios, não tomará banho, ouvirá a sua missa no centro de S. Carlos, não perderá as corridas de touros e dirá sempre mal dos governos...

Até o dia da liquidação.

Belgavino.

La drão
Sou teneur
Pulha tre
Inimigo do proximo
Co analha

Expl o rador
Perver so
Ba ndido
Desaverg onhado
In fame 2 vezes
In fame
Ba ndalho

N.

O rei dos bandidos

Anda afflicto, ao que parece, com a ideia de lhe cortarem o nome nas listas. Pelo menos o orgão official da prostituição vinha sexta feira muito indignado com o Bloco, Trapaça & C.ª, porque os do Bloco, dizia, andavam a fabricar listas falsas, cortando o nome do *grande parlamentar.*

Descance. O *grande parlamentar* ha de ser o mais votado da lista, para maior ignominia da cidade de Lisboa.

Não digo já do *partido republicano*, porque é quadrilha que, sob o ponto de vista da vergonha, nem se discute. Digo da cidade de Lisboa, que tão tristemente se deixa enlamear. Nenhuma cidade da importancia de Lisboa desceria á baixeza de se fazer representar no parlamento por um bandido de tal ordem.

PROVINCIAS

Lagos

(Conclusão do numero 1.373)

Agora o *Sr. Major dos Cavallos:* não se offenda sua ex.ª com tal alcunha. São brincadeiras de rapazes. S. ex.ª, não sendo muito novo, gosta de acompanhar com os rapazes e faz muito bem. Isso é que dá vida. S. ex.ª deve saber que a origem de tal alcunha é ter sido picador, nada mais. Nem podia ser outra coisa.

Intelligencia, bom senso, etc., etc., não lhe falta. Não fosse s. ex.ª mano do nosso bom Fernando... N'este caso, póde-se dizer que os dedos das mãos são eguaes...

Vamos á politica.

S. ex.ª era franquista quando amigo do João Galvão, e este lhe dispensou favores. Depois foi regenerador, acompanhando os republicanos, á socapa. Voltou ainda a dar ares de franquista... depois republicano abertamente e, por ultimo, teixeirista, porque deseja uma pasta que os republicanos, por ora, não lhe podem dar, (o commando da companhia de reformados). Dou já aqui os meus parabens á companhia, que vae andar em alta escola, salvo seja. Chamar-se barriguista a tal cidadão, é um insulto. Protesto!...

Agora o *vocencia.* Este, coitado, é um bom moço, muito fino, com a mania do *vocencia*, tresandando a diplomata! Intelligente na quinta essencia, a ponto de ser *reformado* em direito, na qual *reformatura* levou oito ou dez annos.

A par da sua intelligencia é abastado proprietario. Viveu sempre, dizendo-se independente (e tinha razão para o dizer) mas agora pede votos para o Teixeira de Sousa, porque dizem, quer ser inspector dos impostos (ou coisa que o valha) no districto.

Dizer-se que este cavalheiro tem falta d'intelligencia e é barriguista, tambem é infamante. Protesto!

Almorroidas e filho ou *Filho e almorroidas* — c'est tout la même chose.

Não se offendam. Ss. ex.as sabem a razão da alcunha. E' o emprego das *vellas de cacau* que dá origem a tal asneira. Tambem não é offensivo. Qualquer pessoa póde soffrer do mesmo. São ss. ex.as de grande intelligencia, como os seus correligionarios, á excepção do filho que, na minha opinião é o mais *bronco; faço-lhe essa justiça.* O pae, quem o ouvia, suppunha-o revolucionario, apesar de se dizer monarchico... talvez por conveniencia. Trabalham pae e filho para o mesmo fim: o menino deseja ser coisa mais alta na fazenda; o pae é formado em ajudante de pharmacia. Teve sorte e hoje está regularmente.

Dizer-se que estes cavalheiros tambem são barriguistas é um insulto. Protesto egualmente!

Aqui teem os ex.mos leitores e eleitores o esboço biographico do celebre grupo teixeirista lacobrigense, *que póde ser alterado por qualquer circumstancia imprevista.*

Meditem, pois, e digam se os cavalheiros a que alludo teem auctoridade para pedir votos a alguem. A minha reservo-a.

Alguns republicanos *(que se dizem convictos)* auxiliam o governo, segundo consta, mas que eu não acredito, pois era mais uma enxadada. Não acredito que façam tal, apesar da sua imbecilidade.

Tambem affirmam que o Rato está com um pé na republica e os tres no Teixeira de Sousa.

Vamos vêr e falaremos.

Agora falta a colligação! Tambem havemos de conversar com ella!

C.

—†—

Pedrogam Grande, 23-8-910

... Sr. Director

Permitta-me V. um bocadinho de espaço, para vergastar os lanzudos. Pedrogam Grande, a pittoresca villa que fica situada na margem direita do Rio Zezere, não tinha ainda sido visitada pelos prégadores da democracia, mas coube-lhe a vez no dia 14 do corrente, onde vieram alguns saltimbancos republiqueiros, para fazerem o tão apregoado comicio, que diga-se a verdade, sahiu uma grande borracheira...

Para os leitores fazerem, sequer, uma pequena ideia do *"ridiculo,* a que o povo os votou, vamos relatar alguns factos que á nossa vista se passaram, que são de fazer pasmar!!!

Foram chamados ao ridiculo!?... Não podem negar isso, e senão vejamos.

Depois do aranzel principiar, um popular que ia passando, conduzindo um balde de comida para os suinos, e na occasião em que sahiam blasfemias da bocca de um tal Augusto Cubano!? diz-lhe em voz alta: isso que vocês dizem é uma trapalhada!!!... Vozes de burra não chegam ao ceu!!! Talvez ainda não jantassem, por isso podem servir-se d'esta comida... Não gostaram d'esta partida srs. republiqueiros?

E' que o povo conhece muito bem os que só vivem da mentira, da intriga e do assassinio. Mas caros leitores, não ficou por aqui a comedia. Instantes depois, foram novamente interrompidos por uma grande musica de latas, com que os rapazes se dignaram mimoseal-os!!! Podera?! Então os republibueiros não sabiam que o infeliz Manuel Nunes Pedro era natural do logar da Mó, d'esta freguezia?

Então, julgam que o povo já se esqueceu, ou jamais se esquecerá dos assassinos de Manuel Nunes Pedro? D'este desgraçado, que por elles foi barbaramente assassinado? Enganam-se. Estes factos, estão sempre na mente de todos. Nunca esquecem... Parece-nos que ainda agora os vemos com um caderno de papel e uma caneta nas mãos, a convidarem os poucos assistentes a inscreverem-se como republicanos...

Mas que grande fiasco!?

Nem um só se inscreveu!!!

Parece impossivel, mas o caso é verdadeiro. Baldados esforços!

Quando a latada terminou, deram elles por findo o aranzel. e foi n'esta altura, que se formou um imponente cortejo monarchico, em que tomaram parte centenas de pessoas, e a philarmonica *"União Pedroguense,* e dirigindo-se todos aos paços do concelho, d'aqui sahiu içada a bandeira nacional irrompendo então os mais freneticos vivas á monarchia portugueza, a Sua Magestade El-Rei, á familia real e ás instituições monarchicas — e com os abaixo — os republicanos — os traidores á patria — os falsos prophetas da democracia...

O cortejo seguiu com a bandeira nacional á frente, tocando a philarmonica o hymno da carta, até que chegando ao logar do *"comicho,* ali parou, irrompendo novamente os vivas, com delirantes applausos do publico, que de vez em quando soltava os abaixo os republicanos — abaixo os traidores — abaixo os assassinos...

Depois de terminar o cortejo, que percorreu todas as ruas da villa, as mulheres que o acompanharam seguiram com descantes pelas ruas, indo depois fazer um baile, em casa do sr. dr. Brandão, digno presidente da *"Sociedade Recreativa,* onde lhes foi offertado um copo de agua.

Esta contra-manifestação, apezar de ordeira, fez com que os homens ficassem de beiço cahido... Podera!!!

Esta produziu um effeitarrão, e jamais que não foi preciso convidar pessoa alguma... Outro tanto não podem elles dizer, pois que andaram a convidar gente com um mez de antecedencia, para assistir ao *"comicho,*.

Foram ridicularisados até á ultima, mas para fazerem vêr que estavam muito satisfeitos e animados, arranjaram tambem um baile, que se compunha apenas das cosinheiras, (algumas já sem dentes) tendo como espectadores, os do aranzel, e meia duzia de marçanos que vieram de Lisboa para baterem as palmas e dizerem *amen.*

Estavam n'esta delirante "soirée, quando de subito lhe principia a cahir em cima um chuveiro de batatas!? Ah Pinhão, que agora é que vão vel-os á unha, jámais com um pár-ti-do como elles aqui teem...

Esperem que estão para se dar scenas engraçadissimas... O chuveiro, continua, aqui me cahiu uma batata na cabeça. — Ai!... aqui me bateu uma nas costas, dizia outro... Ai Jesus! dizia uma cosinheira, bateu-me aqui uma batata pôdre que me sujou o cabello...

E assim se passaram uns dois minutos, tempo sufficiente para evacuar o campo da batalha... Nem um só ali apparece...

Mas para onde foram elles?... Talvez para arranjar munições... Vão ver como elles se defendem!? Mais dez minutos! e ei-los a apparecer, sahindo d'um canto, com um automovel em marcha, que parou á porta apenas para tomar passageiros. O tal *"Cubano,* foi o primeiro a subir, e os restantes não se fizeram demorar. Elles ahi vão a toda a brida, e adeus até nunca mais.

Mal empregada comedia terminar tão cêdo. Acabou quando ainda estava no principio... Foi uma pena!? O mais bonito não appareceu... E assim ficou o espectaculo por fazer, que promettia dar uma grande inchente...

Depois d'estas breves considerações, permitta-me ainda sr. director, que eu venha concluir esta noticia com uns ligeiros tópicos, para que os leitores melhor possam fazer uma ideia do que é o partido republicano n'este concelho.

O preparador d'esta comedia, é o já conhecido *"Tónho contrabandista,* que agora deve tambem ficar conhecido pelo *"Tónho das batatas,*. E' o tal parlapatão que nas ultimas eleições arranjou oito votos, com o d'elle e o do creado.

Toda a gente de bem o tem votado ao despreso, estando de relações cortadas, com os irmãos, irmãs e cunhados... Pessoas de bem não lhe estendem a mão.

Não tendo aqui ninguem que o ajudasse na empreza do *"comicho,*, seu sonho dourado, para complemento dos seus serviços conseguiu que os taes marçanos o coadjuvassem prestando-se a vir aqui dar os vivas e bater as palmas. Ora o partido republicano n'este concelho, com um chefe n'estas condições, deve progredir, não é verdade?

A prova real é no dia 28...

Muito temos que dizer, mas como esta já vae longa, ficamos por aqui, esperando que o homem venha á estacada, para então esmiuçarmos as suas obras.

X. P.

O Povo de Aveiro

Vende-se

Aveiro—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.

Lisboa—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Alfredo Lourenço de Sá, Rua do Livramento 103; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Ámaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; Eduardo Augusto, Rua de Belem, 102 e 103; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27; Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K; Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente; Antonio Maria da Silva, largo de S. Domingos, junto ao Quartel General.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa. 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Espinho — Kiosque Reis; **Vizeu** — Kiosque do Rocio; **Chaves** — Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade, **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Estoril** — Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Villa Franca de Xira** — Tabacaria Marciano Mendonça. **Seixal** — Profirio Ferreira. **Villa Velha de Rodam** — Antonio da Cruz Pinto. **Mangualde** — Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem** — Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul** — José Augusto d'Almeida. **Fáro** — Francisco Matheus Fernandes. **Evora** — Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21. **Cascaes** — José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer — João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve) — Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas — João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja** — **Moura** — Manuel Frade. **Castello Branco** — Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo** — Fortunato Reinata. **Tondella** — Mario do Carmo. **Pedrogam Grande** — Adelino Lourenço dos Santos. **Idanha a Nova** — Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Braga** — Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa** — Francisco da Costa Carvalho. **Monsão** — João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello — No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego** — Joaquim Valente. **Elvas** — Luiz Samuel da Silva. **Agueda** — Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã** — João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa** — Antonio Ernesto Esteves. **Fundão** — Belarmino Barata **Guarda** — José da Silva. **Arganil** — José Baptista de Carvalho.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Alcochete** — Joaquim Valentim. **Santarem** — Vende-se nas ruas. **Coja (Arganil)** — Antonio das Neves Pimenta. — **Castello de Vide** — Antonio Lourenço Beliz. **Villa do Cano**—Antonio Martins Florentino.

Louzã — Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Coimbra** — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Melio Alves Brandão. **Alcobaça**—Antonio Vazão. **Gouveia** — Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria** — Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal** — Manuel Tavares. **Arronches** — Miguel Maria. **Certã** — Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)** — Francisco Mórem. **Mirandella** — Annibal Cunha.

Vianna do Alemtejo — Joaquim Antonio Carvalho. **Loriga** (*Ceia*)—João Mendes Cabral Lages. — Miguel Maria Tavares. **Villa Viçosa**—Luiz Fillippe d'Abreu.

Bragança—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira** — Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis** — Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Nellas** — Agostinho da Costa Campos. **Alemquer** — João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe** — Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada**—**S. Miguel**—Café Tavares. **Guimarães**—Antonio Lopes Martins. **Esmoriz**—Paulino Rodrigues d'Almeida **Olhão**—Antonio de Souza Gouveia. **Villa do Espinhal** — Augusto Duarte Bento. **Molta do Ribatejo**—Victorino Soeiro.

Ponte do Lima — Estabelecimento do sr. Antonio da Cunha Nogueira. **Povoa do Varzim**—Marques & Carneiro. **Ilhavo**—Estabelecimento de Bernardo Razoilo.

BRAZIL

Rio de Janeiro — Livraria Schettino — Rua do Ouvidor, 18; — Rua 1.º de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria — Rua do Ouvidor, 181; A. Moura — Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus—Agencia Freitas.

Santos — José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

O preço avulso do POVO DE AVEIRO é de 20 reis em todo o paiz.

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guiescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro,** sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res

Rua da Picaria, 59—PORTO

Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a

AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:

Humberto Bottino

Praça dos Restauradores, 31-H

TELEPHONE: 3035

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA

TELEPHONE: 2378

Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

SE QUEREIS EVITAR a mordedura dos *MOSQUITOS* que a maior parte das vezes são os transmissores das febres empregae

As Pastilhas

Anti-Mosquitos-Query's

Premiadas em todas as exposições, assim como o papel mata-moscas:

CEMITERIO DAS MOSCAS

Exigir bem estas marcas.

Encontra-se em todas as drogarias.

Depositario: A. VINCENT

Largo de Camões, 19, 1.º, Rocio — LISBOA

Typographia a vapor

DO

Povo de Aveiro

N'esta typographia, montada com material extrangeiro, de primeira ordem, das casas Bauer, Schelter, Berthol, Klinkardt, Ingenfrost, Dietz & Listing, Albert & C.ª, Turlot, se fazem todos os trabalhos typographicos, como livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de visita, bilhetes de estabelecimentos, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a Francisco Manuel Homem Christo, proprietario e director do *Povo de Aveiro.*

Agencias de annuncios

DO

POVO DE AVEIRO

Em Lisboa
Largo de S. Domingos 20
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

No Porto
Praça de D. Pedro, 9 e 10
TABACARIA TEIXEIRA

Bebam as Aguas Medicinaes

DO

CASTELLO DE MOURA

Empreza Cinematographica

IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio
Rua do Loreto, 15 e 17
LISBOA

Atelier de pose e officinas
Cerca do Colleginho, 7
LISBOA

Endereço telegraphico: IDEALÃO

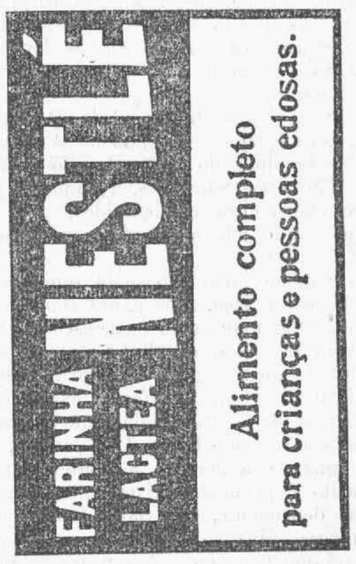
SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.



HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:

RAMIRES & C.ª

— Praça da Batalha — PORTO —

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis

A's mães

Se quizerdes ter em 2 a 6 dias abundancia de bom leite, tomae a **VITALOSE** do pharmaceutico A. P. de Figueiredo, e não mais vos faltará emquanto durar a amamentação.

Unico medicamento de resultados garantidos.

A' venda em todas as pharmacias — **Frasco, 900 réis.**

DEPOSITOS

GERAL: Pharmacia Figueiredo, Alvito (Alemtejo). — Em Lisboa: Cruz & Sobrinho, 40, rua da Magdalena, 44. — No Porto: Pharmacia Magalhães, 292, rua do Rosario, 298 e sua Filial, **Praça d'Almeida Garrett, 31 (antiga Feira de S. Bento).**

Enviam-se prospectos a quem os requisitar

Ao commercio de retalho

Vende-se por 30$000 réis um transmissor de dinheiro para o caixa (3 correspondencias). *Systema usado na casa Grandella.*

Mangualde — L. Cabral

Alexandre Fontes

A Escripta Nacional, (2.ª edição, refundida)	1$200
Vocabulario Orthographico, (completo)	600

Pedidos á

LIVRARIA FERREIRA, LIMITADA

LISBOA — R. do Ouro, 132 a 138 — LISBOA

Grandes Armazens

DO

Printemps de Paris

Ha actualmente em deposito, n'este escriptorio, um grande sortimento de cortinados **brise-bise** em condições muito vantajosas. Assim como tambem ha um grande e variado lote de artigos da estação de verão que será vendido por preço muito reduzido.

Escriptorio de reexpedição:

19, Largo de Camões, 19 — Rocio

LISBOA

Os proprietarios e lavradores

que necessitem de quaesquer materiaes de construcção para suas obras devem dirigir-se á antiga casa

J. LINO Rua do Caes do Tojo, 35 — LISBOA

Unica que lhes pode fornecer todos esses materiaes nas melhores condições de qualidades e preços por serem na sua maioria productos de suas fabricas e os outros são obtidos directamente e em primeira mão.

Fornece catalogos, desenhos e preços e dá quaesquer esclarecimentos que sejam pedidos ao seu escriptorio geral na **Rua do Caes do Tojo, 35, LISBOA,** ou pelo telegrapho a

Jotalino — LISBOA

Grande deposito

De moveis de ferro e colchoaria

Artigos de folha e zinco.

José A. de C. Godinho

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

TELEPHONE — 2652

FOMENTO AGRICOLA

Companhia Internacional de Seguros

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

— CAPITAL, 600:000$000 RÉIS —

SÉDE — Rua do Ouro, 292, 1.º

LISBOA

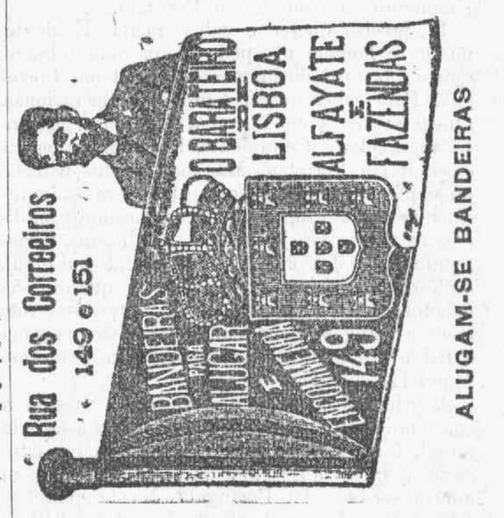
Indemnisações pagas por sinistros desde a fundação até 25 de Abril de 1910:

170:087$055 réis

Seguros de propriedades e moveis; seguros maritimos, agricolas e postaes.

Peçam-se tabellas. Agencias em todas as cidades, villas e aldeias do continente e ilhas.

Aceitam-se agentes aonde os não houver



Aguas CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:

26, Rua Mousinho da Silveira, 28

PORTO